

SADDHAIN publishing, LLC

BROTHERHOOD
OF
BLOOD



ONE
AND ONLY

BIANCA D' ARC



Primeiro e Único

Disponibilização: Ana Paula Batista

Tradução e Revisão: Cleide

Revisão Final: Angélica

RESUMO

Um acidente mortal muda o destino de um vampiro solitário.

O Vampiro executor, Atticus Maxwell está na beira do seu próprio esquecimento... até o batimento cardíaco fraco de uma mulher que desesperadamente se feriu, quase mortalmente, chamá-lo de volta. O terrível acidente que quase tirou sua vida, tanto lhe trouxe uma mulher encantadora e intrigante que só poderia dar-lhe uma razão para viver novamente.

Lissa estava dirigido para uma conferência em um resort em uma última tentativa para encontrar um emprego. Em vez disso, em uma chuva de estrada da montanha Slick, quase a matou, e ela encontra o amor de sua vida. Um amor não dos mais aceitáveis, o recluso dono da vinha em Napa Valley, mas que não é muito humano.

Nenhuma barreira, nem mesmo dar a notícia aos amigos de Lissa, parece muito para segurar seu amor e deixá-lo florescer. Até que descubram que o acidente que os uniu não foi um acidente, e sim uma tentativa de assassinato por um inimigo desconhecido.

Atticus salvou Lissa uma vez. Ele pode mantê-la dessa forma em face de uma nova ameaça?

Atenção: Este livro contém línguas excitadas, pescoço quente de morder e o amor extremo de um homem quente, com um sorriso assassino.

Capítulo Um

O que foi aquele barulho? Foi sutil, ainda que irritante aos ouvidos de um ancião. Um triturar metálico abafado que deixava seus dentes no limite e o fazia se perguntar o quão barulhento esse velho ônibus era realmente.

Mais uma vez, ele se espantou em como um ser tão poderoso quanto ele ainda precisava se adequar às expectativas dos mortais - especialmente no corajoso mundo da tecnologia. Estava ficando cada vez mais difícil se reinventar agora que sua imagem podia ser rotineiramente capturada por uma infinidade de mídias diferentes. "Da próxima vez que ele tivesse que morrer" e voltar, ele teria que alterar sua aparência drasticamente. A memória dos mortais podia ser curta, mas as fotografias, ao que parece, duravam para sempre.

É claro, isso supondo que ele se importasse em voltar dessa vez.

Atticus Maxwell já havia vivido mais do que acreditava ter direito. Os séculos se tornaram sem fim. O negócio de viver era tedioso, sem ninguém para dividir. Atticus sempre havia sido um solitário, mas havia desejado secretamente que algum dia encontrasse uma pessoa no mundo inteiro - e em todos esses séculos - com quem dividir sua vida.

Era o desejo mais querido de muitos da sua espécie. Depois de alguns séculos, a maioria dos Bloodletters se aquietavam e começavam a procurar pela única pessoa que poderia completá-los. Era uma coisa séria, e uma busca que ele não levou na brincadeira, mas depois de todos esses anos, ele quase havia perdido a esperança.

Atticus havia procurado mais do que a maioria, mas ainda estava sozinho.

Lissa não queria embarcar no ônibus, mas não havia outro modo de subir ao resort na montanha onde a conferência de negócios iria acontecer. O lugar ficava numa encosta rochosa que ladeava uma vinícola. A vista dizia ser magnífica e a cozinha cinco estrelas não poderia ser esquecida. Ou ao menos era o que o agente de viagens prometera.

Ela estava numa encruzilhada em sua carreira, tendo recentemente perdido o emprego como gerente contábil por conta de uma reestruturação na empresa. Essa conferência profissional supostamente a ajudaria com novos contatos na sua área de atuação e também tinha a vantagem de oferecer uma pequena feira de pequenos empregos. Ela tinha duas entrevistas marcadas para o dia seguinte, de fato, mas não conseguia evitar o sentimento estranho que teve quando embarcou no ônibus privativo do hotel.

Isso acontecia às vezes. Ela tinha um pequeno dom psíquico que já a havia ajudado a evitar problemas no passado, mas nessa noite ela estava recebendo sinais misturados do seu sexto sentido. Ela não queria subir no ônibus, mas não sabia se o nó de apreensão na boca de seu estômago se devia ao ônibus, aos passageiros ou a conferência que a esperava.

Então ele apareceu.

Um homem. Na noite. Ele roubou seu fôlego, e seus sentidos - tanto o místico quanto o terreno - ficaram em alerta. Ele era perigoso, ela podia dizer pela aura de poder a sua volta, mas ele era também o ser mais bonito e atrativo que ela já havia encontrado.

Seu sexto sentido a empurrou contra ele. A fez ansiar por ele de um modo que nunca havia sentido antes. Algo a respeito dele era interessante e lhe dava medo ao mesmo tempo, ainda que a atraísse como uma mariposa para a luz e ela era fraca demais para resistir.

Então ela subiu no ônibus, mesmo invadindo o espaço individual dele a ponto de tropeçar no seu pé, esmagando seus dedos por um instante enquanto suas bochechas ardiam de embaraço.

—Me desculpe. - Alarmados olhos azuis encontraram seu olhar por um breve momento enquanto choque passava pelas feições dele.

—Por favor, me perdoe. - ele disse.

Sua voz a percorreu, rica e profunda. Retumbou através de todo seu ser, acordando cada célula no breve momento que se foi muito cedo.

Ela sorriu para ele e murmurou seu reconhecimento, mas ele já havia se virado para tomar seu lugar na parte traseira do ônibus lotado.

E essa foi a extensão do contato entre eles. Muito pouco para construir uma impressão definitiva. Lissa sabia que nunca esqueceria aquele homem enquanto vivesse, ainda que nem soubesse seu nome.

Atticus avaliou a pequena mulher que ele involuntariamente tocou. Ela era um pouco sem graça em seu abotoado terninho azul marinho, mas havia algo verdadeiramente atraente nela. Ele havia procurado o retiro na montanha que tinha vista para sua própria terra no vale abaixo, mas seus pensamentos estavam mais agitados agora do que já haviam estado em décadas.

Quem era aquela mulher? E por que ela chamava tanto a sua atenção?

Ele realmente deveria ter se concentrado mais nos barulhos estranhos que aconteciam sob a carroceria do veículo, mas não conseguiu se obrigar a desviar o olhar dela. Ele conseguia ver o topo de sua cabeça e o lustroso cabelo castanho por sobre o topo do assento dela algumas filas a frente dele.

Relâmpagos passaram muito perto, distraíndo-o, e o ônibus desviou na lisa estrada da montanha. O motorista pisou nos freios e o barulho da freada subiu para um som metálico terminando com um nauseante ruído. Tão rápido quanto o relâmpago, o ônibus deslizou de lado no pavimento molhado, tombado, e então passou por cima do meio fio da estrada caindo no precipício.

O ônibus rolou violentamente pela ravina abaixo. Atticus foi jogado de um lado a outro, de cima abaixo em uma violenta batida de metal contra carne que não tinha chance nenhuma contra tamanha devastação.

O ônibus finalmente parou, depois de longo momento de queda livre, no fundo de um penhasco, afundado na folhagem molhada. O único som era o do metal rangendo conforme balançava até parar e a dos pingos da suave chuva na vegetação.

Ele ia morrer.

Finalmente, depois de mais de mil anos vagando sobre a terra, sua vida ia se acabar. Atticus quase ficou feliz com isso.

Mas a garota morreria, também, e isso o incomodava. Ele achou isso estranho. Por ora ele já não teria mais consciência para pesar, mas o pensamento da morte dela - quando ele poderia, com todas as possibilidades, salvá-la - o perseguiria.

Seus pensamentos pareciam muito distantes enquanto ele estava caído em uma poça de sangue, com algum tipo de barra de apoio fazendo um buraco em seu peito. Atticus sentiu sua vida imortal se esvaindo, mas os fracos esforços por respiração feitos pela pequena mulher o chamaram de volta. Ela estava viva. Por enquanto.

Todos os outros passageiros estavam mortos. Atticus sabia que já se haviam ido quando as batidas de seus corações pararam de soar nos ouvidos dele. Ele não mais sentia o correr do sangue pelas veias deles.

Todos se foram. Todos exceto a quieta garota que havia sorrido tão gentilmente para ele após ele acidentalmente pisar no pé dela enquanto embarcava.

Atticus nunca tocava em mortais, exceto para se alimentar. Audição e sentidos tão apurados tornavam doloroso ficar a uma distância próxima, a menos que eles fossem suas presas. Ainda, de alguma maneira, essa quieta, tímida mulher havia invadido seu espaço individual mais cedo naquela noite. Ela se aproximou dele sem seu conhecimento. Ou talvez ele seja o que havia invadido o espaço dela. Ele não tinha certeza. Mas de qualquer maneira que tenha acontecido, isso o espantava.

Ele não ficava surpreso há anos. Séculos talvez.

No entanto essa mulher indescritível, com olhar suave, cabelos castanhos e olhos de avelã, de alguma maneira conseguiu invadir não somente seu espaço, mas seus pensamentos também. Incrível.

E agora ela poderia morrer sozinha na noite, próxima a uma estrada deserta na montanha, junto com o resto deles.

A menos que ele lutasse contra a escuridão. E ganhasse.

A despeito do que ele era com tantos machucados quanto ele já sustentava, não seria uma luta fácil.

Quando Lissa Adams acordou, a escuridão a cobria. Lutando para ver na total falta de luz, sua respiração acelerou e ela entrou em pânico. Sua apreensão só aumentou quando ela percebeu que havia outra pessoa ao seu lado. Um suave pingar ecoava através do que ela supunha ser algum tipo de câmara subterrânea ou caverna. Era o que parecia - e cheirava.

Ela sentiu as pedras e os grossos grãos de areia suja sob suas mãos.

Ela sabia que as montanhas tinham lugares assim, mas não conseguia se lembrar de como chegara até lá. Ou por que estava tão grogue.

Ela tentou se sentar, mas os esforços quase a fez apagar de novo. O ser ao seu lado se mexeu ao seu movimento, e ela sentiu mais do que ouviu a pessoa se erguer para se inclinar sobre ela.

—Onde nós estamos?

—Eu a trouxe para um abrigo.

Rica e quente, sua voz desceu sobre os sentidos dela de uma maneira misteriosa e perigosa.

Sexy, ela pensou. Ela já havia ouvido aquela voz antes.

Vinha acompanhada de olhos iluminados e feições esculpidas. Um rosto masculino surgiu em sua mente. Ela havia ficado fascinada por ele e instantaneamente cativada. Ela

se lembrava de pensar que era possivelmente o homem mais estonteante que já havia visto.

—Você pisou no meu pé.

Ele riu de sua inocente observação, deixando-a mole por dentro.

—Verdade. Mas isso foi há mais de 24 horas atrás.

Ele passou gentilmente um dedo por sua bochecha e ela estremeceu, não com medo, mas com surpreendente excitação. Se só o roçar de seu dedo conseguiu provocar essa reação, ela se perguntou o que ele conseguiria se realmente tentasse.

Esse pensamento a paralisou. Homens como esse geralmente não corriam atrás de mulheres como ela. Melhor se focar na situação estranha em que se encontrava do sonhar acordada sobre seu salvador.

—O que aconteceu? Eu me lembro do ônibus derrapando...

—Ah, sim. Depois nós rolamos montanha abaixo. Você bateu sua cabeça muito forte, eu temo. Talvez por isso ainda esteja um pouco tonta.

—Onde estão os outros?

Ele deu uma pequena pausa.

—Mortos.

A respiração dela travou enquanto sua mente se agitou.

—Como nós...?

—Relaxe, querida. - Ele chegou mais perto. —Eu tirei você das ferragens e encontrei um abrigo, mas eu fiquei seriamente machucado no acidente também. Sinto muito por isso, mas eu preciso da sua essência para acelerar minha cura.

—Minha... o que?

Uma respiração quente banhou sua orelha conforme ele chegou mais perto dela. Seus braços fortes envolveram-lhe os ombros enquanto sua boca acariciava a linha do seu maxilar e mais abaixo.

—Não tenha medo. Não vou machucá-la, mas eu preciso do seu sangue, e estou muito fraco para distrair sua mente. Você terá que confiar em mim. — Sussurrou contra sua pele trêmula. Ele passou seus dentes afiados em torno da sua jugular como que saboreando o momento antes de se banquetear.

Ela mal teve tempo de atinar suas palavras antes dele a morder. Sentiu uma dor aguda apenas por um segundo, seguido pela maior felicidade que já havia experimentado. Intensamente sexual, a envolveu de uma maneira que ela não conhecia. Ele sugou seu pescoço, lambendo sua essência, bebendo como um homem sedento no deserto. Mesmo assim a tratava com reverência e gentileza pelo modo carinhoso com que tocava seu corpo ferido e machucado.

Estranhamente, ela não protestou. Ela sabia que devia estar com medo, mas uma intensa excitação tomou conta dela. Não teve forças para exprimir até mesmo o mais fraco protesto.

Ele bebeu pelo que pareceu um longo momento, suas mãos se movendo sobre o corpo dela, moldando seus seios e a acariciando. Só então ela percebeu que estava nua. Ela ofegou quando seus longos dedos acariciaram entre suas pernas, penetrando, invadindo seus lugares mais íntimos enquanto sua boca acariciava a macia pele de sua garganta.

Ele sabia como tocar o corpo de uma mulher. Aqueles dedos habilidosos sabiam justamente onde tocar, onde apertar para elevar seu tesão ao ponto mais alto. Ela chegou ao topo quando os dedos dele deslizaram na excitação que ele provocou em seu corpo. A boca dele sugou seu pescoço, sua respiração tocando seus cabelos, seu agradável cheiro masculino que provocava seus sentidos. E a sensação dele. Era quente e pesado sobre ela, forte como só um homem pode ser e musculoso de uma maneira que ela não esperava.

Uma mão cobriu seu seio, provocando seus mamilos enquanto seus dedos finalmente alcançaram a fronteira imaginária, entrando nela, onde poucos homens estiveram. Mas este homem - ainda que ela o conhecesse a poucos minutos, na realidade - era como nenhum outro homem que ela já houvesse encontrado. Ele incendiava seus sentidos com nenhum outro, enviando ondas quentes e escorregadias ao seu centro. Nem mesmo o pensamento de que ele era uma espécie lendária de criatura misteriosa poderia interromper a mais intensa experiência sexual de sua vida.

Um dedo curioso sondou dentro dela, esticando-a. Ele colocou um segundo dedo quando ela suspirou querendo mais. Ela não tinha tido sexo fazia um longo tempo. Ela estava apertada, mas seu corpo lembrava-se do prazer, e esse homem - esse vampiro! - se mostrou um mestre em manipular suas reações. Ele *controlava* o prazer dela.

Dois longos dedos entraram mais fundo, seu polegar provocando mais acima, friccionando em perfeito contraponto. Ela gozou com um forte movimento de quadril que quase o deslocou, mas sua força a manteve presa em seu abraço. Ele continuou com a estimulação, prolongando seu orgasmo por longos, intensos momentos enquanto a cobria com seu tórax, seus lábios se alimentando da pequena incisão que havia feito em seu pescoço. O prazer a lançou nas ondas mais intensas que ela já sentiu e então ela não se importou se ele era um vampiro, um lobisomem ou chefe indígena. Tudo que sabia era seu domínio. E ela já sabia que queria mais.

Deuses! Ela era doce. A mais doce mulher que ele havia tido em seus tantos séculos.

E havia tido muitos!

A tentação o seduzia a sugá-la até o fim e tomar toda sua essência, mas ele não havia passado por tantos problemas para salvá-la - e a ele mesmo - por nada. Ele sofreu para arrancar de si mesmo aquela estaca que quase acertou seu coração e então tirá-la das ferragens em estado de muita fraqueza.

Ele não pretendia matá-la agora.

Não quando queria prová-la de novo e de novo. Não, ele manteria essa fêmea por perto e a manteria saudável. Ela estava rapidamente se transformando num vício.

Ele percebeu, depois, que nunca havia se curado tão rápido quanto havia acontecido nas últimas 24 horas com o sangue dela em seu organismo. Ele tomou o sangue dela além do necessário antes que pudesse encontrar um lugar seguro para se refugiarem. Com sorte, ela não havia perdido muito sangue na batida, mas o dano em sua cabeça parecia sério. Ele precisaria de mais da sua essência para se curar antes de poder curá-la completamente. Já havia reduzido o inchaço em sua cabeça de alguma forma com seu dom de cura. Ela estaria bem melhor, senão completamente recuperada, após a segunda sessão. Mas para fazer isso, ele precisava estar mais forte.

Seu sangue o havia energizado. E a ereção de seu corpo triplicou a energia que ele adquiriu de seu sangue. Ela tinha sido vigorosa antes, mas agora que ela havia gozado tão belamente para ele, o nível de energia nele estava alto. Ele estava perto da sua força total. Como ela estaria tão logo ele encontrasse forças para se obrigar a largar seu suculento pescoço e dar a ela a cura que precisava.

Mas ela era tão doce!

Com um gemido, ele se afastou, usando um leve 'zap' de seu toque curativo através de sua língua conforme ele lambia a pele sensível de seu pescoço. Ela se contorceu deliciosamente sob ele, mas ele sabia que tinha que terminar o processo de cura primeiro, antes de satisfazer outras necessidades.

—Você está bem? — Ele tocou seu pescoço com nariz por algum tempo.

—Eu estou... — ela arfou quando ele se moveu para beijá-la nos lábios. —Eu estou bem. Por favor...

—Por favor, o quê? — Ele elevou seu olhar para sua expressão, que trazia uma ponta de horror, um bom tanto de felicidade e um resíduo superficial de medo. —Por favor, *satisfaça* você de novo? Ficaria honrado, mas isso terá que esperar até que eu possa curar seus ferimentos um pouco mais.

Na escuridão ele viu a fraca vermelhidão em suas bochechas. Isso o fez ficar duro ao perceber que até mesmo depois do sangue que ele havia tomado de seu belo corpo, ela ainda podia corar. Ele sempre gostou de mulheres modestas - algo que estava se tornando incrivelmente difícil de encontrar no mundo moderno.

—Me curar? Então você não... você não vai me matar? — Seus belos olhos estavam arregalados em apreensão e ele não gostava dela o olhando dessa maneira.

—Não, coração. — Ele tocou seus cabelos, tentando passar segurança com um toque gentil. — Eu não teria me incomodado em te tirar das ferragens se eu tivesse a intenção de te causar algum dano. Eu sou um curador. Mesmo antes de me tornar... o que eu sou... eu tinha o dom da cura. Eu só quero usá-lo para te fazer bem. O que vier depois disso está nas mãos do destino.

—O que você é?

Atticus suspirou. Ele devia ter esperado essa pergunta. Ele se preparou para isso, mas ele não havia pensado além da necessidade de confortar essa pequena mulher mortal.

—Eu sou imortal.

—Como um vampiro? — O medo nublou suas palavras, mas ele também percebeu fascinação. Era um bom sinal.

—Alguns nos chamam assim, ainda que não seja um termo que eu goste. Há muita falsa lenda associada a essa palavra e muito medo também. Nós somos na maioria seres pacíficos, somente tentando co-existir.

—Mas você se alimenta de sangue humano, certo?

Ele assentiu, sentando-se ao lado dela. A luz na caverna era fraca, mas ele pôde vê-la claramente. Suspeitou que ela pudesse perceber sua forma também, pelo jeito que seu olhar seguia os movimentos dele, ainda que sem dúvida, a visão dela era menos capaz de superar a escuridão do que a dele.

—Como você mesma vivenciou, nós precisamos de sangue para sobreviver. Sangue e sexo. Somos criaturas de energia, e os poderes psíquicos que são liberados durante o orgasmo são como um manjar dos deuses para nós.

—Então foi por isso que você me fez...

—Gozar? Sim, coração. — Ele gostava de provocá-la, estranhamente, embora ele geralmente não perdesse muito tempo conversando com uma presa mortal. —Você gozou lindamente para mim e aumentou minha força. Você ajudou a me curar e eu farei o mesmo por você em troca.

Ele não era um homem que tivesse o costume de se entregar aos prazeres da carne. Ele tinha muitos dons para conseguir presas pra si mesmo. Enganando as mentes dos mortais para que nunca soubessem que ele se alimentava deles tinha mostrado ser uma das suas melhores habilidades. Ele com frequência levava as mulheres ao orgasmo tanto quanto se alimentado delas, por que geralmente isso duplicava a potência do sangue delas, mas ele nunca tirava prazer para ele mesmo. Nunca nem mesmo havia considerado fazê-lo em muito tempo. Apenas mais uma coisa deixada de lado enquanto o mal estar de sua existência sem fim fermentava e crescia.

Mas essa pequena mulher tinha acabado com tudo isso. Com um olhar ela havia acendido um fogo que o trouxe de volta a vida. De volta á paixão. Ela alimentou sua fome como nenhuma outra. Ele não se arrependia do impulso que o fez salvá-la. Ele não se arrependia de viver, ainda que no dia anterior tivesse desejado a morte. Ela lhe dera razão para seguir em frente, uma centelha de esperança no seu mundo cada vez mais escuro.

Ela poderia até ser a Escolhida.

Sua respiração parou ante a enormidade do pensamento. Ele vasculhou suas feições pálidas. Ela era bela para ele, mesmo coberta de machas de sujeira e com o cabelo desarrumado. Ele sabia que ela experimentava mais do que uma pequena dor pelo ferimento em sua cabeça, mas ela parecia satisfeita, ainda um pouco quente e confusa pelo clímax que ele provocou nela. Um estranho orgulho o percorreu por ter colocado aquele olhar sonhador nos olhos dela.

Todo imortal procura pela sua Escolhida - a única pessoa no mundo inteiro que o completará. A maioria nunca encontrava sua parceira. Muitos enlouqueciam e se tornavam verdadeiros monstros. Mas uns poucos, como ele, vagavam pela terra por séculos, procurando.

A idéia de que ele poderia ter encontrado ela, justo quando ele já estava preparado para desistir de tudo, o espantava. Ele mal ousava acreditar. Mas havia sinais... antigos sinais que o levavam a crer que ela poderia ser a sua Escolhida.

Primeiro, o sangue dela era mais potente do que qualquer outro que ele já havia provado, e seu orgasmo alimentou o desejo dele de uma maneira que não havia experimentado há décadas. Ele queria se esvaziar dentro dela para ver se o resto da lenda poderia ser real.

Eles poderiam compartilhar suas mentes?

Eles poderiam realmente se tornar um só?

A cura teria que vir em primeiro lugar, mas ele tinha que ir devagar. Lesões cerebrais necessitavam de cuidados especiais. Ele havia assumido o risco de beber dela e lhe dar prazer, porque não havia maneira de restaurar a sua própria saúde, sem o seu sangue. Como ele tinha absorvido sua essência, sua força voltou e ele foi capaz de bloquear o pior da sua dor, e manter seu foco nas sensações boas que isso lhe trouxe. Tinha sido um risco, mas não havia outra maneira e que estava confiante na sua capacidade de curá-la completamente, já que ele foi abençoado com a vida que corria tão bem através de suas veias.

Capítulo Dois

—Qual a sua idade? — A curiosidade superou o julgamento de Lissa. A idéia de que ela estava sentada nua, numa caverna escura com um amigável vampiro era simplesmente muito estranha.

—Eu tenho caminhado pela terra muito mais tempo do que você, doçura. — ele respondeu com uma risadinha. Pelo som de sua voz e pelas vagas sombras ela só pôde supor, que ele se afastava.

—Meu nome é Lissa. — Ela tentou se sentar, conseguindo somente se apoiar nos cotovelos antes que sua cabeça começasse a rodar.

—Lissa. — O estrondo da voz dele cortou sua próxima pergunta. Ela esteve a ponto de perguntar o nome dele, mas isso não pareceu importar quando ele esteve ao lado dela, sua respiração quente bafejando sobre sua pele e sua voz retumbando sobre cada poro. — Um lindo nome para uma linda mulher. Aqui. — Ele apoiou seus ombros e tomou sua mão, colocando alguma pequena cesta ao seu alcance. Ou era um copo? Ela não conseguiu distinguir muita coisa na melancólica escuridão da caverna, mas ela conseguia tanto ouvir quanto sentir o líquido balançando no pequeno receptáculo que agora segurava. — Eu peguei água para você. Esta caverna tem uma pequena fonte perto do fundo que pode ser seguro você beber.

—O que é isso? — Ela tocou a borda do copo, sentindo ramos e folhas.

Ele se sentou perto dela.

—Eu entrelacei alguns ramos e folhas. Não é inteiramente a prova d água, mas funciona bem. Beba, Lissa. Você precisa de líquidos.

Ela encontrou um ponto suave na borda onde uma folha havia sido enrolada sobre os ramos e deu um gole. A água esta fria e incrivelmente refrescante. Ela bebeu tudo, estalando os lábios assim que baixou seu pretenso copo.

Um choque percorreu seu corpo quando ele se abaixou e lambeu os lábios dela, transformando a carícia num beijo que era mais doce do que tudo que ela já havia provado.

—Você é linda, Lissa, e você parece gostosa o suficiente pra comer. — Suas palavras sussurradas acariciaram o rosto dela enquanto ele se erguia, um milímetro por vez.

A cabeça dela flutuou enquanto ele a deixar ir e a visão dela embaçava. O homem era poderoso, mas ela ainda estava sentindo os efeitos de ter sido arremessada de um lado para outro dentro do ônibus enquanto rolavam montanha abaixo. Ele a deitou num escasso acolchoado de suas roupas arruinadas, e acariciou seu rosto com leves e confortantes movimentos.

—Me perdoe, doce Lissa. Você precisa descansar.

—Não me deixe. — Ela agarrou o braço dele quando ele se afastava. Ela não tinha idéia de onde aquele impulso viera, mas ela não queria ficar sozinha. Em particular, ela não queria que aquele homem convincente - criatura da noite que era - se afastasse muito dele. Ela precisava do seu calor, da sua presença ao lado dela. Ele a fazia sentir segura, ainda que não soubesse dizer o porquê de se sentir segura ao lado de um vampiro.

Logicamente, ela poderia tentar escapar dele, mas lógica não tinha nada a ver com o terror que sentiu ao pensar nele a abandonando.

—Não deixarei. Eu prometo. Mas você precisa descansar mais, antes de eu tentar a próxima fase da sua cura. Assim como eu. Curar tira algo do curandeiro e eu fui ferido no acidente também.

—Oh, não. — Ela não havia entendido antes, seus pensamentos embaçados por tudo que tinha lidado desde que acordara. —Você está bem?

—Não se preocupe comigo, doce Lissa. — Ele levou suas mãos aos lábios e beijou os nós dos seus dedos no estilo antigo. —Eu me recuperei bem desde que provei você. Mais uns poucos minutos de descanso e estarei com força total e preparado para dar alguma dessa energia a você. Mas eu quero estar certo de fazê-lo direito. Danos cerebrais podem ser difíceis. Eu quero ter certeza que ambos estamos prontos quando eu tentar curá-la completamente.

O silêncio desceu quando ele se colocou ao lado dela. Ele segurou sua mão, oferecendo calor e conforto que ela não teria acreditado ser possível vir de um vampiro.

—Eu pensei que vocês eram frios.

Ele deu um longo e sofrido suspiro.

—As lendas sobre minha espécie raramente estão corretos.

—Então qual é a verdade? Eu já sei que você bebe sangue - a menos que tenha alucinado sobre essa parte.

—Não, você não estava alucinando. Ainda que normalmente eu deixe os mortais de quem eu bebo sangue sem lembranças do evento. Eles não tendem a lidar com a idéia tão bem quanto você.

—O acidente deve ter mexido com meu cérebro. — ela admitiu. —Eu não sei por que confio em você, mas eu confio. Talvez seja estupidez da minha parte te falar isso, mas não vejo como minha situação poderia ser pior.

—Oh, poderia ser pior, pequena, mas para sua sorte, sua confiança - por incrível que pareça - não está no lugar errado dessa vez. Eu só quero te proteger. É claro, se eu fosse um antigo assassino *Veniucus*, eu poderia muito bem lhe dizer isso para mantê-la cooperativa.

A ironia na voz dele a confortou. Algo no fundo de sua mente gostava dele. Não só gostava, mas confiava nele. Era a mesma parte de onde os sentimentos de medo e de sublimidade tinham vindo quando ela estava perto de embarcar no ônibus. Ela entendeu o aviso dessa vez. O temor foi mais como uma premonição do acidente e da morte que se abateria sobre todas as almas inocentes no veículo. A elevação podia ter algo a ver com seu salvador. Desde a primeira vez que o viu, ela foi engolida por ele.

O destino não era com que ela costumasse lutar. Ela tinha dons os suficientes para entender que certas coisas aconteciam quando deviam acontecer. Lutar contra o destino só tornava a vida mais difícil.

As palavras dele lhe chamaram a atenção, a trivialidade da sua visão periférica alertando-a sobre algo importante. Ou talvez fosse algo que viria a ser importante depois. De qualquer maneira, ela acreditava em suas habilidades o suficiente para investigar.

—Que palavra é essa? Veni-algo?

— *Venifucus*. — A palavra estrangeira enrolando a língua dele, mas um arrepio de premonição deixou seus nervos tensos. — É uma palavra antiga. O nome de um grupo de assassinos que deixaram esse mundo há muito tempo atrás. — Ele ficou quieto por um momento, como que refletindo. — Não tenho certeza por que isso me veio à cabeça agora, quando eu não havia pensado neles por séculos.

Lissa soube o suficiente para guardar aquela informação para considerar mais tarde. O dom dela algumas vezes a levava a aprender estranhas migalhas que se tornavam úteis meses, algumas vezes anos, mais tarde.

— Séculos? — Esse pensamento a fez parar enquanto ele suspirava. Uma de suas quentes mãos a acariciou nos ombros, oferecendo conforto.

— Eu nasci no que vocês chamam de Era das Trevas, mesmo para nós, foram tempos difíceis. Minha família possuía um pequeno vinhedo, como eu tenho hoje.

— Você faz vinho? Mas...? — Ela não sabia como perguntar a ele as perguntas que lhe passavam pela cabeça. Um homem de negócios vampiro? Parecia muito esquisito de encarar.

— Eu posso beber vinho. Na verdade, é uma delicadeza á minha espécie, ainda que não possamos ingerir muito sem sofrer as conseqüências. Mas a fruta do vinho é nossa ultima ligação com o sol. Ela nos cura e nos revigora. Eu sempre curti o processo de fazer vinho e de uma forma ou de outra, eu estive envolvido na produção de vinho desde 1400. — Ele soava tão orgulhos quanto qualquer homem de negócios falando sobre sua carreira. — Meu vinhedo principal fica no vale abaixo. De fato, não estamos muito longe das minhas terras aqui. Talvez a noite eu possa me aventurar lá fora e pegar algumas roupas e comida para você. Ou se você estiver bem o suficiente, você pode ir até a minha casa e se limpar. Nós ligaremos para o hotel de lá e os informaremos que você está bem.

— Eu estava a caminho de uma conferência, procurando um emprego. Acho que isso está fora de questão agora, considerando tudo que aconteceu. — Ela não queria pensar sobre sua ridícula conta bancária ou as contas que estavam se empilhando.

— Você não irá para a conferência, mas tente não se preocupar. Eu tenho muitas ligações. Talvez possamos encontrar um emprego para você, assim que estiver curada.

Lágrimas se formaram no fundo dos olhos dela diante da incrível bondade desse homem. Não somente ele havia heroicamente a arrancado das ferragens e salvado sua vida, mas ele estava falando sobre ajudar a colocar sua carreira de volta aos trilhos. Ele era muito bom para ser verdade e sob outras circunstancias, ela provavelmente teria ficado muito desconfiada, mas ela havia ficado atraída por ele desde o início. Destino, ao que parecia, os havia juntado, e para melhor ou pior, o destino dela estava ligado ao dele - ao menos num futuro próximo.

Atticus deitou ao lado dela, sintonizado aos seus modos como nunca estivera antes com nenhum outro ser, mortal ou imortal. Era como se ele pudesse sentir suas emoções, embora ele nunca tivesse tido nenhuma habilidade empática antes.

Ela era uma mulher complexa. Seus pensamentos superficiais estavam caóticos depois do trauma que passou, mas ele sentiu uma força de vontade interior que ele raramente encontrava em outros seres, e quase nunca numa fêmea. Ela era memorável de todas as formas.

Ele sentiu sua preocupação a respeito do trabalho. Atticus não queria obrigá-la a se adiantar muito, mas ela não tinha nada com o que se preocupar. Se necessário, ele criaria um emprego para ela - se ela realmente quisesse um. Embora quanto mais ele ficava perto dela, mais ele cogitava mantê-la para si. Ele tinha dinheiro suficiente para sustentar um exército. Ele poderia manter uma mulher pequena na moda pelo resto da sua vida natural.

Mas essa era a questão. Ela era mortal. Ele nunca se deu à prática de manter animais mortais a sua volta como alguns dos seus irmãos faziam. Soava como escravidão na cabeça dele e ele não gostava daquilo. Pela primeira vez, ele estava considerando pedir a uma mulher, que sabia muito bem o que era e o que ele queria dela, para que ficasse com ele. Não havia jeito de ele mantê-la sob seu teto e não querer saborear seu sangue outra vez e de novo. Era um passo importante.

Ele teria que pensar cuidadosamente sobre as consequências antes de abordar o assunto. Havia também a improvável, mas tentadora idéia de que ela fosse a sua Escolhida. Ele encontraria a resposta aquela questão antes de ir mais adiante, mas ele não ousou manter suas esperanças muito altas. Ele havia procurado pelo mundo durante séculos. Ele havia quase aceitado a idéia de que poderia nunca partilhar sua vida imortal com uma mulher especial. Quase. Mas havia uma pequena parte dele que ainda esperava por aquele sonho impossível. Talvez essa mulher fosse a resposta a sua ânsia. Talvez.

Mas antes ele teria que curá-la, então tomá-la, para ter absoluta certeza de uma coisa ou de outra.

Atticus se ergueu sobre um cotovelo, olhando para sua adorável face na escuridão.

—Não se preocupe, doçura. Tudo vai acabar bem. Por ora, vamos nos concentrar em fazê-la ficar bem, tudo bem?

A expressão dela se iluminou, para o alívio dele.

—Tudo certo. Eu só gostaria que tudo parasse de girar. — Ela riu e fechou os olhos, como que incapaz de ver muito mais do que sombras na escura caverna.

—Eu posso ajudar nisso. — Gentilmente, ele colocou suas mãos próximas aos pontos de impacto na sua cabeça enquanto reunia sua renovada força. Usando seu poder de cura, ele dirigiu os pulsos de energia para os lugares mais feridos da cabeça dela. Ele fez já havia feito muitos trabalhos de reparação, mas os retoques estavam além de suas capacidades na noite anterior. Ele a estabilizou, mas deixou o trabalho de finalização até que estivesse mais forte.

Se concentrando, ele se pôs ao trabalho. Levou um tempo, mas quando ele finalmente a soltou, ela estava saudável mais uma vez.

E pronta para o que ele planejava a seguir.

—Como se sente? A dor de cabeça está melhor? — Sua voz profunda a trouxe de volta. Ela se sentiu tão bem com as mãos dele em sua face, em seus cabelos. Os olhos dela se fecharam por vontade própria enquanto ele a havia tocado, seu inconsciente confiando nele de maneira que nunca havia confiado em ninguém mais. Mesmo com os poucos amantes que teve em sua vida, ela nunca os deixava ter total controle sobre seu corpo ou suas reações. Com esse estranho, impressionante homem, entregar todo seu controle era seguir a natureza.

O corpo dela reconhecia o dele em algum nível intrínseco que ela não se preocupava em questionar. Ela sabia de experiências anteriores com seus dons psíquicos que algumas coisas desafiavam a explicação lógica. Sua resposta anormal a essa imponente criatura masculina e indubitavelmente uma delas.

Seus olhos se abriram. Ela pode vê-lo um pouco melhor na fraca luz que penetrava em seu santuário subterrâneo vinda de algum lugar atrás dela. A forma dele estava menos borrada do que antes. Ela tomou aquilo como um bom sinal enquanto erguia uma mão para tocar sua própria cabeça.

—A dor se foi. Minha cabeça não dói mais e eu acho que minha visão está mais clara, ainda que eu não consiga ver muita coisa nessa escuridão. Mas está melhor. Sinto-me muito melhor. Obrigada.

—De nada, minha querida. — Ela só conseguia imaginar seus olhos se baixando como se estivesse lutando com a fadiga.

—Você está bem? Eu quero dizer... — Ela tentou ver sua expressão no escuro. —Eu espero que não tenha se sobrecarregado. Você ficará bem? Há algo que eu possa fazer? — Ela ficou preocupada com suas palavras tranquilas, seu tom contido.

Ele fez uma pausa antes de responder.

—Há algo que você - nós - podemos fazer para nos fortalecer, minha querida, mas eu temo perguntar.

—O que é? — ela tentou se levantar sobre um cotovelo, mas ele se aproximou novamente, forçando-a a ficar sob ele.

—Eu te disse que posso adquirir forças da realização sexual. — Os olhos dele realmente faiscaram. Ela pôde vê-los cintilar na luz fraca. —Eu posso te dar prazer - e a mim mesmo - se você permitir, e nos devolver nossas forças.

—Você quer... uh... *estar* comigo? — A hesitação dela ficou entre os dois enquanto o olhar dele descia sobre ela. Ela quis ter certeza que havia entendido ele perfeitamente. Era muito fácil construir falsos sonhos perto de um homem desses.

—Eu quero fazer amor com você, doce Lissa. Tem uma pequena diferença. — Ele se inclinou, mordiscando seu ombro nu.

—Mas eu não estou tomando nada. — Sua face corou com embaraço. —Quero dizer... — ela estava sem palavras.

—Nunca tema, coração. Você não pode engravidar de mim. A menos que... — Ele não terminou o pensamento, mas ela sentiu certa ânsia na voz dele.

—O quê?

—A única maneira que eu poderia engravidá-la seria se você fosse a minha única, verdadeira, destinada companheira, o que é altamente improvável. Eu procurei por séculos e nunca a encontrei. — O silêncio se prolongou até ele continuar. —Você não pode pegar nada de mim. Nós não sofremos das doenças mortais. Você está segura.

Lissa ficou desconfortável com o rumo da conversa, mas ele não permitiu. Ele se aproximou.

—Eu já dei prazer a muitas mulheres em minha vida, mas não tive meu próprio prazer a um longo tempo. Eu não quis. Não até que te encontrei.

—Você não precisa mentir pra mim. — A mágoa transpareceu em sua voz a despeito do desejo dela de esconder seus sentimentos. Eles estavam muito á tona. A incrível situação e o incrível homem estavam fazendo coisas as suas emoções que ela não conseguia controlar.

Ele afastou o rosto, sua face pairando sobre a dela onde ela podia ver mais da sua expressão. Os olhos eram claros, globos brilhantes no escuro, as apertadas linhas em volta de sua boca mostrando claramente o quão tenso e cansado ele estava.

—Sério? — a voz dela era baixa, seus sentimentos inseguros, mas ela estava fascinada pela idéia do que ele teria feito se eles tivessem sofrido o acidente. Ele podia ter vindo até ela e ela não teria lembranças desse homem elegante, forte e incrível.

De todo modo, ela era grata ao acidente, se só por isso ele não foi capaz de anuviar sua mente. Ela queria se lembrar de cada momento com esse homem, se agarrar a isso no futuro que viria. Ela tinha certeza que nunca encontraria outro homem como ele.

A própria existencia dele mostrava a ela que aquela magia era real - não somente a magia do vampiro, mas a magia dele. Ele era tudo que havia sonhado em um homem, e nunca ousou esperar encontrar. Ela sabia que não havia futuro para eles, mas por esse momento, ela poderia experimentar o que era estar segura em seus braços, fazer amor do modo que ela havia sonhado toda sua vida. Vali a pena arriscar seu coração, mesmo suspeitando que seria muito fácil se apaixonar por ele. Mas era uma chance que ela ansiava agarrar.

Quando ele a tocou, misteriosas chamas tomaram seus sentidos, aquecendo sua alma. Lissa não entendeu por completo, mas alegrou-se ao sentir as mãos dele, sua força tranqüila. Ela desejava esse misterioso estranho. Ela o desejava dentro dela com uma paixão desconhecida por ela.

—Sim, doce Lissa. — A voz dele a percorreu. —Eu poderia tomá-la á força na escuridão, num piscar de olhos.

Suas palavras iniciando uma necessidade frenética em seu corpo. Ela não podia mais impedi-lo do que ela podia impedir o fogo correndo por suas veias. Ela o buscou, necessitando, querendo.

—Por favor. — ela disse simplesmente, suspeitando que ele conseguia ver cada nuance dos seus pensamentos em sua expressão. Estava óbvio agora que ele podia ver muito melhor no escuro do que ela. Era outra migalha de lembrança sobre essa experiencia que ela guardaria para se lembrar depois, quando ele se fosse da sua vida.

Ele se curvou, beijando o sorriso nos lábios dela, inflamando-a com uma febre que não sabia, mas sempre desejou em seus sonhos. O fogo dele lambeu seus sentidos conforme a língua dele duelava com a dela. Seus dentes eram afiados, relembrando-a do modo como a havia mordido e a feito gozar, mas não estava com medo. Muito longe disso.

—Sua pele é como seda, doce Lissa. — ele sussurrou contra a pele dela enquanto se movia sobre seu corpo, dando beijos mordiscados ao longo do seu pescoço e até o vale entre seus seios. Suas mãos acariciavam mais abaixo, primeiro circulando seus lábios, então aprofundando entre suas pernas, encorajando-a abri-las para sua passagem.

Lissa estava além da timidez, além de qualquer pensamentos de objeção. Este homem excitava sua paixão como nenhum outro. Ela sabia que já estava molhada e quando os dedos dele encontraram a evidência do seu desejo, ele ergueu a cabeça para olhá-la nos

olhos. Ele estava tão próximo, que ela podia ver a excitação faiscando no seu olhar, prendendo-a sob ele com o toque mais gentil.

—Por favor... — ela arfou. Ela não estava certa do que exatamente estava implorando, mas sabia que ele poderia dar. Ele era a resposta para tudo naquele momento.

—Sim, doce Lissa. Você está pronta e eu não posso mais esperar. Não tenho sutileza. Perdoe-me. — Ele deslizou um dedo pelo seu canal. —Mas eu preciso saber. — As palavras fracamente registraram enquanto ele a beijava de novo, estocando sua língua dentro da boca dela do jeito que ela queria que ele estocasse dentro *dela*. O pensamento lascivo a fez se contorcer quando outro dedo se somou aquele, deslizado com ritmo para dentro e para fora de seu canal. Ela o queria muito e isso só a fez desejar mais ainda.

—Por favor! — ela gemeu.

—Diga sim. Eu preciso ouvir isso dos seus lábios.

Ela mal podia falar, muito menos pensar. Ele lançou sua paixão mais alto, mais rápido do que ela já havia experimentado. Mesmo assim, a paciência dele era impressionante. Ele esperou, mesmo quando tinha que estar claro que ela pertencia a ele. Seu membro roçou contra a pele da coxa dela quando ele se aproximou mais, sacudindo, estocando e a deixando louca. Ela tinha que tê-lo agora, mas ele esperava por sua permissão.

Ele retirou os dedos que a atormentavam, movendo-a para que pudesse ajustar seu duro comprimento no lugar feito para ele. Ela tentou se mover sob ele, mas sua força a impediu. O nível de frustração dela subiu conforme ela tentava se esticar contra o corpo dele. Finalmente, ela não agüentou mais.

—Sim! Droga, sim! — ela arquejou contra ele. —Venha pra dentro de mim agora.

Com um gemido animalesco, ele se empurrou para frente, abrindo a entrada apertada do seu corpo com uma lenta, firme e invasiva estocada.

Mesmo em sua paixão, ele se moveu cuidadosamente, para não a machucar. Ele sentiu o quanto ela era apertada com seus dedos. Ele sabia que ela poderia ter problemas ao recebê-lo pela primeira vez, mas ela se acostumaria, e adoraria sua posse. Ele a faria cantar de alegria quando ela gozasse ao redor dele, e ele mal podia esperar para trazê-la com ele, além do limite da felicidade.

Mas primeiro, ele teria que estar todo dentro dela. Ele empurrou de leve, adorando a sensação de sua passagem. Ela era apertada, mas não havia hímem. Ela já havia tido outros homens antes dele. Com uma sensação de domínio, ele estava grato de que ela teria algo com o que compará-lo. Desse modo, ela saberia que o encontro deles não era nada comum.

Não, essa união poderia ter proporções épicas. Ele sentiu o calor aumentando. As coisas estavam se derretendo dentro dele de um modo que era novo pra ele e a carga de energia vindo da união deles foi mais alta, como nunca havia esperado.

Era melhor do que o melhor que ele já tivera. Mais forte, mais compensador e mais quente do que o inferno.

Ele se deixou ousar esperar que ela fosse sua Escolhida. Ele não precisava de um sinal final que viria com o clímax, para saber em seu coração. Ela era a sua Escolhida. Ele

podia sentir em seus ossos assim que começou a empurrar mais fundo, mantendo o ritmo com os gemidos de paixão dela.

—Você está comigo, coração?

Ele precisa que ela o olhasse, mesmo quando ela mal podia distingui-lo na escuridão da caverna. Mas ele precisava ver seus olhos faiscando quando o corpo dele se unisse completamente com o dela pela primeira vez.

—Estou com você. — As palavras dela eram fracas arfadas de ar conforme ela ia mais alto com ele.

—Meu nome é Atticus. — ele disse a ela, empurrando forte e fundo, encaixando-se inteiramente como se nunca mais fosse sair. —Diga meu nome, Lissa. Eu preciso ouvir da sua boca.

Ela arquejou.

—Atticus. — Seus músculos internos se apertando a volta dele quando ela se elevou mais ainda. —Mais rápido, Atticus. Eu preciso mais forte. — Suas palavras eram suspiros quentes de delícia e necessidade.

Ele obedeceu com um gemido de satisfação, se pondo mais fundo. Ele bombeou com força, alcançando sua mente com a dele para saber quando e como ela queria que ele empurrasse. Mas os pensamentos dela estavam em perfeito alinhamento com os dele e ele notou a facilidade com que ele acessou a mente dela como outro sinal de que ela era a sua Escolhida.

O pensamento o levou a um trêmulo precipício. Ela estava lá com ele. Com um impulso final ele alcançou o auge, seu corpo jorrando dentro dela, enquanto ela gritava em extase, se apertando em volta dele.

Ele não gozava tão forte há muitos anos, senão nunca. E ela amou cada minuto. Ele podia sentir a satisfação em sua mente - um espelho da dele.

Magnífica, jubilosa união. Finalmente.

Caminhos se abriam entre as suas mentes, unindo-os por muito tempo. Ele percebeu com flash que ele tinha tido acesso as memórias dela agora, como se fossem dele. Ele se perguntava se ela tivera o mesmo acesso á mente dele. O pensamento o fez paralisar. Algumas de suas memórias eram tão amargas para dividir com uma mulher tão gentil e boa.

Ela era um brilhante marco de esperança em seu mundo escuro. Ele não queria sujeitá-la as suas memórias, incluindo séculos vivendo em um mundo que havia sido algumas vezes áspero, e até desumano. Ele duvidava que ela pudesse aceitar as partes mais sinistras de sua longa existência.

—Não pense assim, Atticus. — Ela o chocou com suas palavras a medida que acariciava seu peito com dedos trêmulos. —Não existe uma parte de você que eu não pudesse aceitar.

—Então você compartilha minha mente? — O coração dele se abriu em alegria diante desse pensamento. Ele a encontrara. Unidos em mente, eles eram realmente um só.

—Como eu posso não ser? Eu era mais do que uma sensitiva antes do acidente. Eu sabia que havia algo diferente em você no momento em que pisou no meu pé.

Ele riu e tirou seu peso de cima dela, se acomodando ao lado.

—Sensitiva? — ele acariciou seu ombro enquanto contemplava as ramificações. Ele não tinha percebido que ela tinha qualquer tipo de habilidade extrasensorial, mas ele podia ver agora, no modo como o dom dela havia ajudado no passado. Sua nova parceira era cheia de surpresas que ele poderia passar o resto dos anos descobrindo.

—É de família. Mas eu nunca passei por nada parecido, ou que eu estou passando agora, vendo dentro de suas memórias. É incrível. E um pouco devastador. — Suavizada pela admiração, sua voz desceu sobre ele.

—Você compreende o que vê em minhas memórias? Você entende que você é minha Escolhida? Minha *raison d'être*? Meu tudo? — A ansiedade tomou conta dele enquanto esperava por sua importantíssima resposta.

Ela se ergueu para deitar sobre ele, tocando sua barba rala para ressegurar.

— Quando nós gozamos juntos, tudo passou por mim muito rápido. Admito, há algumas coisas que terei que processar primeiro, mas o mais importante é que meu coração o reconheceu, Atticus. Não somente eu sou a sua Escolhida, mas você é o meu. — Ela se abaixou para beijar os lábios dele com doçura. —E eu quero que você me leve além.

Ele arfou com o choque.

— Você tem certeza?

Se ela bebesse seu sangue, ela poderia se tornar imortal também. Eles dividiriam a eternidade - juntos.

Ele planejava convencê-la com o tempo. Era uma grande decisão para um humano, e ele não queria precioná-la. Agora ela o bombardeava com sua decisão e sua risada de contentamento dizia a ele tão claro quanto os pensamentos travessos na mente dela que ela gostava daquilo.

—Sim, eu tenho certeza, Atticus. Eu te amo.

O lugar vazio em sua alma de repente estava preenchido pela ofuscante luz que brilhava nela.

A busca mais sagrada de sua longa jornada havia acabado, e agora ele podia continuar vivendo e aproveitando sua existência imortal com uma mulher que ele amava ao seu lado.

—Eu amo você, Lissa. E sempre amarei.

Ela iluminou o coração dele enquanto ele a puxava sobre seu corpo. Com uma investida impetuosa ele os uniu novamente, ambos preparados para mais. Compartilhar suas mentes tornou tudo melhor, eles descobriram enquanto seu membro se colocava no lugar onde pertencia, dentro dela, tão fundo quanto à natureza permitia. Ela se contorceu com prazer. Seu corpo conhecia o dele. Reconhecia sua outra metade.

Foi uma lenta união, um entrar e sair preguiçoso que ambos queriam com sinceridade.

—Quando você me transformar numa vampira, eu terei que sugar sangue de outras pessoas? — Ela não soava tão animada pela idéia, e ele facilmente percebeu a aversão em tocar outros homens na mente dela, o que o agradou muito.

—Agora que somos Um Só, você só precisa beber o meu sangue. Nosso amor e nosso sangue nos sustentarão.

—Então nada mais de ficar sugando o pescoço de outras mulheres, entendeu?

Ele riu enquanto a levava mais alto com uma estocada profunda.

—Não, amor. Só você. E eu morderei... — ele a puxou para baixo para que seus seios ficassem a poucos centímetros da sua boca. —...só você. Você inteira. De agora em diante. — Ele a alcançou com sua língua e lambeu seus mamilos, sugando cada um pra dentro de sua boca, enquanto ela gemia em cima dele.

Ela começou a cavalgá-lo, a respiração acelerando conforme seu prazer aumentava, e ele alegrou-se com os pensamentos travessos na mente dela. Sua garota gostava de um pouco de perversão. Eles teriam séculos juntos - Tão desejosa - para explorar todos seus desejos compartilhados. Atticus gostou dos pensamentos sacanas que ela tinha que iam tão bem com as preferências dele. Que eles fossem compatíveis dessa maneira era só mais uma prova de que tinham sido feitos um para o outro.

—Você é uma garota má, não é? — Ele gostou do modo que ela arfou, sua pele se aquecendo. Ele sabia que ela estava envergonhada e encantada pela idéia de realizar jogos sensuais com ele. —Me responda, coração. — Um tom de dominância encheu a voz dele e ele a sentiu se apertar em volta dele. Sem dúvidas. Ela gostou.

—Sim, Atticus. Eu fui má.

—Muito má. — ele concordou com um sorriso satisfeito. Eles estavam definitivamente na mesma sintonia. — Agora o que fazemos com garotas más? — Ele deixou suas palavras fluírem enquanto diminuía o ritmo das estocadas, mantendo-a no limite do prazer. Ela gemeu e ele percebeu que palavras estavam além dela naquele momento. —Você quer sentir a força da minha mão nesse traseiro lindo, coração? É isso que você quer? Quer umas palmadas?

Os olhos dela se fecharam e ela se contraiu e jogou a cabeça para trás.

—Sim!

Era tudo que ele precisava ouvir. Atticus golpeou o traseiro dela e a encorajou a cavalgá-lo mais rápido. Ela começou a choramingar e gemer a cada estocada profunda e a cada tapa forte. Atticus lambeu seus mamilos e então arranhou suas presas na pele macia da lateral do seu seio, tirando só um pouco de sangue que ele alegremente lambeu.

Ela adorou. Ele percebeu o lampejo da excitação da dor sensual que a percorreu, e o prazer resultante quando ele golpeou com a língua sobre sua pele macia em seus pensamentos caóticos. Ele espancou seu traseiro e então moveu uma mão para frente para tocar seu pequeno clitóris. Sem errar, ele tomou o pequeno botão, apertando com força e a fazendo gozar com delicioso grito que ecoou pela caverna escura.

Ele a seguiu na loucura e despejou sua semente profundamente dentro da sua parceira.

Sua primeira e única.

Capítulo Três

No cair da noite, ambos estavam com suas forças restabelecidas, ainda que Lissa soubesse que ficaria com algumas marcas roxas do acidente pelos próximos dias. Atticus havia discutido seus próximos movimentos com ela e eles decidiram deixar algumas evidências da aventura dela para as autoridades humanas verem. Eles teriam, sem dúvida, ficado procurando por ela desde o acidente que levou tantas vidas. Com sorte, ninguém exceto o motorista sabia que Atticus estava no ônibus, uma vez que ele decidira ir ao resort de ultima hora.

Então, eles se dedicaram a tranquilizar as autoridades com uma estória que fazia algum sentido, ainda que fosse incompleta. Eles chegaram á casa de Atticus logo após o por do sol. Dizer que era uma mansão era ser modesto. A Villa em estilo europeu ficava no meio do pitoresco vinhedo e tanto a casa quanto a paisagem a deixaram sem fôlego.

Abrindo a grande porta, Atticus rapidamente a pegou em seus braços e a carregou porta adentro. Era romântico, um gesto antigo que trouxe lágrimas aos olhos dela.

— Bem vinda ao lar, amor.

Ele parou para beijá-la, mantendo-a em seus braços enquanto fechava a porta com o pé e a carregava pela sala espaçosa. O beijo se tornou ousado a medida que ele a desceu sobre um macio e enorme sofá. Ela pode sentir o conflito dentro dele. Ele queria chamar as autoridades de um lado, para começar o processo de fazê-la completamente curada. Por outro lado, ele compartilhava o furioso desejo queimando no sangue dela de fazer amor aqui e agora - de reclamá-la sem mais demora.

— Sim, Atticus. Sim. — Ela acariciou a pele dele, tirando a decisão das mãos dele. — Faça amor comigo.

— Você tem certeza? — Ele se afastou levemente. — Eu não quero machucá-la. Eu odiaria deixar até mesmo uma marquinha na sua pele quando eu poderia facilmente ter curado todas.

— Você nunca me machucaria. — ela ressegurou. — E nós precisamos deixar algumas marcas para mostrar aos homens da ambulância. — ela o provocou com um sorriso maroto. — Mas eu quero agora, Atticus. Eu não quero ter que esperar até eles me deixarem sair do hospital. Não consigo ficar dois minutos sem te querer. Estou viciada em você. — Ela riu para aliviar a tensão dele, segurando seu rosto e olhando dentro dos olhos magnéticos dele.

— Você faz o mesmo comigo, Lissa, e é um vício que eu rezo nunca acabar. — Ele se lançou para um beijo devastador, alinhando seu corpo com o dela no sofá de veludo. — Não consigo resistir a você. Mas nós vamos fazer do meu jeito. Não quero você sentindo dor, seja qual for.

— Como quiser... Mestre. — Ela lhe deu um sorriso atrevido enquanto lia em sua mente a necessidade dele de dominar. Ela estava ficando melhor em lê-lo quanto mais tempo passavam juntos, ainda que a idéia de que eles eram Um só ainda hesitava em sua mente.

Ele rosnou e mordiscou de brincadeira o pescoço dela, então foi descendo pelo seu corpo. Eles estavam nus e ele tirou vantagem disso, parando para lambar o mamilo ereto com sua boca, e então o outro até que ela se contorcesse sobre o sofá macio.

—Não se mexa. — Atticus abandonou seus seios sensíveis, beijando em seguida seu estômago em seu caminho mais abaixo. Mãos fortes abriram as pernas dela até que um pé descansasse no encosto do sofá e o outro no chão. Então sua boca estava nela, sugando-a, sua língua acariciando com pequenas e hesitantes lambidas que a deixaram em fogo.

A paixão dela cresceu como um foguete, brotando numa pequena explosão assim que ele enfiou um dedo dentro do calor líquido que estava mais do que pronto para uma invasão mais profunda.

—Atticus!

Ele a conduziu pela pequena tormenta, deixando as ondas caírem só para aumentarem de novo, mais fortes do que antes. Ela podia senti-lo se segurando, deixando o prazer dela o arrastar através da ligação entre eles, e ela o amou por isso. Ele estava tão temeroso de que pudesse inadvertidamente machucá-la. O cuidado que ele mostrou por ela era uma coisa linda e ela ficava sem graça com isso, mas ela o queria. Ela não queria esperar mais para ser possuída por ele.

Atticus resmungou enquanto se sentava.

—Isso não vai funcionar.

Ele correu uma mão nervosamente pelos próprios cabelos. O gesto era encantador considerando que sua frustração era justamente por causa do seu cuidado com ela. Lissa o seguiu, sentando-se em seu colo. Ela nunca tinha sido tão agressiva no sexo antes, mas ela sabia que ele gostava. Ele provavelmente estava tão surpreso quanto ela com suas atitudes, mas definitivamente empolgou-se, conforme ela se sentava com as pernas abertas sobre a sua tesa ereção.

—Eu sei que você quer do seu jeito, mas eu gosto mais do meu.

Ela tocou suas bochechas com as dela, se esfregando nele como uma gata. Ela se sentiu tão sexy naquele momento, era incrível que não ronronasse. O pensamento bobo trouxe um sorriso aos lábios dela enquanto ela beijava o queixo firme e descia pelo seu pescoço. Os dois podiam brincar de morder pescoços, embora seus dentes não estivessem tão aptos quanto os dele. Ainda assim, a sensação de seus dentes firmes sobre a pele dele pareceu inflamá-lo.

—Mais forte. — ele a incentivou, quando ela mordeu no músculo onde seu pescoço se unia ao ombro forte. Ela forçou, notando as pequenas marcas que seus dentes deixaram na pele dele quando ela se afastou.

—Eu acho que irei adorar te morder depois que você me transformar.

Ele se tranqüilizou.

—Você realmente quer isso? Acompanhará-me na escuridão?

—Eu te acompanharei na escuridão, na luz de velas, no oceano, em um avião. Onde você estiver, eu estarei. — Ela lhe deu um olhar tímido sob seus cílios, brincando com ele.

—Se você me quiser.

—Se eu te quiser? — Ele rosnou e a girou sobre suas pernas, bunda pra cima. Ele golpeou o traseiro dela e a fez gritar de prazer. —Mulher! Como você pode duvidar disso?

Eu alegremente entrarei para o clube de milhagens com você. Tenho um amigo que tem um ótimo jatinho que ficaria honrado em nos emprestar. É só escolher a data.

Ela riu enquanto ele esfregava seu atormentado traseiro, e então bateu mais uma vez.

—Você está rindo de mim, Lissa? — Seu simulado ultraje a fez rir mais ainda e fez sua respiração acelerar. A mão dele desceu em tapas ardidos contra a parte alta de seu traseiro, levando-a às alturas.

Ela adorou isso. Mas não entendia. Nunca havia recebido tapas no traseiro de nenhum homem antes de Atticus, mas com ele, parecia tão certo... e muito, muito excitante.

—Eu fiz uma pergunta, garota.

Ela teve que fazer um esforço para se lembrar do que ele estava falando enquanto a mão dele a atingia mais algumas vezes. Ela estava mais do que no ponto. Ela estava fumegando e pronta pra qualquer coisa que ele pudesse dar a ela.

—Humm...

—O que isso significa? Eu perguntei se você está rindo de mim, coração.

—Não. Não, eu não estou rindo de você. — Ela arfou a medida que os dedos dele começaram uma doce tortura.

—Você tem certeza? Você acha que tem sido uma boa menina? Você merece esse tratamento?

Ela poderia tê-lo esbofeteado quando ele riu, mas sabia que era tudo brincadeira. Ainda assim, ela não estava se sentindo muito humorística no momento. Não, no momento, ela precisava dele dentro dela. Ela precisava dele. Ponto.

Ele brincou com ela, seus dedos deixando-a louca - um pobre substituto para o que ela realmente queria. Ela rebolava e gemia, mas ele era impiedoso.

—Atticus... Por favor.

Ele finalmente teve pena dela, ergueu-a e a deitou de costas, posicionando-a como se fosse uma boneca de pano. Ele era tão forte que a deixava sem fôlego. Mesmo assim era tão gentil com ela como se estivesse lidando com o mais delicado cristal. Ele parou sobre ela, seu membro duro tão perto de onde ela mais o queria, mas ele a fez olhar dentro dos seus olhos enquanto se apoiou nos cotovelos acima dela.

—Eu te amo, Lissa.

O coração dela derreteu.

—Eu te amo também. — Sua promessa foi dita em um sussurro, mais forte por sua profundidade emocional. Ela deixou as palavras trocadas envolverem a ligação que eles compartilhavam, tornando mais forte. —Venha pra mim, Atticus. Eu preciso de você.

—Eu sempre precisarei de você. — ele jurou enquanto tomava os lábios dela e reclamou o corpo dela com um movimento fluido. Ele empurrou dentro dela, deslizando facilmente na excitação molhada que ele provocara. Ela gemeu ao senti-lo deslizar inteiro dentro dela. Onde ele pertencia.

Foi só o começo. Atticus parou por um momento enquanto a beijava demorado e profundo, mas logo ele estava estocando em longos movimentos, quase saindo dela para mergulhar inteiro de novo, uma vez após outra. Ela gemeu e rebolou sob ele enquanto seus

movimentos a levavam aos céus. Ele sabia exatamente como se mover para dar a ela o máximo do prazer.

Que esse homem espetacular fosse todo dela somente aumentava sua paixão. Ela podia conhecê-lo a pouco tempo, mas tempo era pouco comparado ao amor deles. A união de suas almas significava que ele conheciam o íntimo da personalidade de cada sem ao menos se esforçarem. Eles eram realmente Um Só.

Ela sentiu o furioso desejo dele como um reflexo do seu próprio enquanto ele os guiava mais rápido e mais alto. Ela se agarrou aos ombros dele enquanto ele baixava a cabeça, acariciando com a língua o pescoço dela enquanto as pontas afiadas das suas presas saltaram para rapidamente com pequenas picadas de inesperado prazer antes de se afundar na sua jugular.

Nesse momento, o orgasmo dela iniciou e continuou enquanto ele sugava na sensível pele do seu pescoço. Ela o sentiu gozar enquanto ele sugava sua essência para ele mesmo, inundando-a no seu prazer. Lissa gritou a maravilha de suas almas unidas, sua paixão compartilhada, seus corpos compartilhados. Ela amou esse homem mais do que qualquer outro ou qualquer outra coisa que ela já tivesse conhecido pelo resto das vidas deles.

Atticus retirou seus dentes da pele dela e lambeu as feridas, fechando-as, não deixando assim nenhuma marca em sua pele ou qualquer indício de sua predileção por mordê-la. Ela estava tão saciada para fazer mais do seguir quando ele a levantou sobre seu corpo, mudando de posição para que ela ficasse mais confortável enquanto os olhos dela iam se fechando o sono a dominava.

—Eu recebi um milagre, Lissa. Eu te amo mais do que minha vida e nunca a deixarei ir. Nunca. — Ele a beijou na testa enquanto pousava a cabeça dela sobre seu coração.

A ultima coisa que ela ouviu foram as palavras de amor dele. Ela dormiu aconchegada em seu homem com um sorriso curvando-lhe os lábios.

Muito depois, Atticus ligou para o resort e para a polícia, contando uma história sobre como Lissa havia aparecido em sua porta do nada. Atticus a levou para o quarto que ele mantinha sobre o porão e deu a ela algumas roupas suas para vestir. Ela só teve tempo de se limpar enquanto a ambulância vinha. A camisa dele estava tão larga para ela quando saiu do banheiro da suíte master e ela parecia adorável nela.

—Eles estarão logo aqui, meu amor. Sem dúvida, irão querer que você vá para o hospital, talvez até que fique lá até amanhã. — Ele tomou sua mão, puxando-a para que se sentasse ao lado da cama. —Eu lamento não poder ir com você, mas não faria muito sentido para as autoridades. Eu não quero levantar nenhuma suspeita. Além do mais, é melhor esperar um tempo para que eles se assegurem de que você está bem. Provavelmente não deixarão que eu fique perto de você enquanto eles fazem seus testes e isso pode levar a noite toda. — Ele deu de ombros. —A polícia irá querer tomar meu depoimento e checar minha terra, então eu preciso estar aqui para mostrar tudo a eles. Eu poderia enganar a mente deles, é claro, e o pessoal do hospital também, mas tanta gente assim é perigoso. Se eu perco mesmo uma única mente, eu poderia nos colocar em perigo de sermos descobertos. É mais seguro eu ficar aqui, considerando tudo isso. Ser pego pela luz do sol é um perigo para minha espécie, como será para você uma vez que se transforme.

Ela sorriu, assegurando a ele seu amor.

—Eu vou curtir o sol por uns dias ainda, mas não vou sentir muita falta disso, se eu puder ter você em troca.

—Você sempre me terá, meu amor. — Ele levou sua mão aos lábios em um beijo gentil. —Depois que resolver as coisas no hotel, eu quero que você volte para mim. Amanhã a noite, eu quero dormir ao seu lado, aqui, na nossa casa.

—Eu quero a mesma coisa, Atticus. Vou buscar minhas coisas no hotel e estarei batendo na sua porta tão logo o sol se ponha.

Ele se afastou para alcançar seu bolso traseiro, pegando um jogo de chaves enquanto ambos se levantavam.

—Você não precisará nem bater. O que é meu, é seu. Essa é sua casa também. Você a transformará no lar que nunca foi... até agora. — Ele precionou o chaveiro na palma da mão dela, fechando seus dedos em volta do frio metal enquanto os olhos dela se enchiam de lágrimas.

Ela o abraçou apertado, enterrando seu rosto contra o peito dele. Ele a segurou por longos momentos, até que enfim, ouviu a buzinha que indicava que um veículo estava ao portão se dirigindo á casa.

—Eles chegaram.

—Eu sei. — Ela se afastou com uma expressão triste em sua face adorável. —Mas não quero deixar você.

—Eu estarei por perto, Lissa. Onde quer que você vá, de agora em diante até a eternidade, tudo que você terá que fazer é me alcançar com sua mente e eu estarei lá. Nós somos um só. Com o tempo, aprenderemos como lidar com essa ligação melhor, mas agora, pense em mim e eu estarei com você.

—O mesmo vale para você, Atticus.

Ela se afastou e eles deixaram do quarto, seguindo um longo corredor até a área principal da casa. Atticus pressionou um botão no caminho, abrindo o portão para que as autoridades pudessem seguir o caminho até a casa. Eles teriam que agir como meros conhecidos enquanto os humanos vasculhavam sua casa. Atticus havia vivido tempo suficiente para saber quando a coisa mais prudente era seguir as leis dos humanos e essa era uma dessas horas.

Sua nova companheira era humana e tinha família e amigos. Eles deveriam ser cuidadosos em como administrar a conversão dela para que ela pudesse manter seus contatos humanos pelo tanto que duraria sua vida normal. Após passar anos suficientes, eles poderiam se reinventar, como Atticus havia feito inúmeras vezes no passado. Era perigoso transformar um humano sem cortar os laços previamente, mas para Lissa, ele faria qualquer coisa. Ela merecia manter seus amigos e família em sua vida e ele não a faria escolher entre eles e ele - se uma verdadeiro companheira realmente tivesse escolha. Ele sabia muito bem, ela não tinha. Nem ele. Eles estavam destinados um ao outro.

O carro da polícia ficou a vista e Atticus foi encontrá-los á porta. Ele parou antes de abrir o portal, voltando-se para olhar para ela enquanto se deitava no sofá sob o cobertor que ele havia jogado sobre o largo sofá.

—Eu te amo mais do que consigo expressar.

Os olhos dela marejaram de novo quando seu olhar encontrou o dele.

—Eu também, Atticus. — Ela fungou, secando seus olhos com as costas das mãos enquanto puxava a cobertura até o queixo. —Vamos terminar com isso. Quanto antes eu ir, mais cedo eu voltarei... para você.

—Atticus?

—Aqui, meu amor. Sua voz profunda ressoou através de suas mentes compartilhadas. —Como está indo?

—Eles me deixaram em um quarto privado. As coisas se acalmaram um pouco, mas eu fiz alguns raios-X, mais alguns médicos me avaliaram na sala de emergência. Eu acho que eles estão satisfeitos que eu esteja bem. Como você suspeitou, eles me internaram por uma noite. Uma enfermeira supostamente me acordará a cada hora para checar meus olhos ou algo assim.

—Eles provavelmente estão preocupados com a batida na sua cabeça. Dói?

—Não muito. Mas você estava certo em deixar um pouco dos machucados do acidente. Eles já estão assombrados com o quão bem eu escapei de um acidente que mataram todos os outros.

—Sinto muito por ter deixado uma única marca no seu lindo corpo, mas nós temos que ser cuidadosos se quisermos continuar nossa vida atual.

—Eu aprecio toda consideração e esforço que você fez, Atticus. Eu amo minha família e amigos, mas eu o amo mais, especialmente por sair do caminho para preservar minha relação com eles. Você é um homem especial e maravilhoso e eu não consigo acreditar que faz parte da minha vida.

—O mesmo comigo, meu amor. E é claro que precisamos da sua família e amigos, quem mais você convidaria para o nosso casamento?

Ela parou o sabor do choque, deleite e medo vindo alto e claro.

—Você quer se casar comigo?

—Oh, sim. Um casamento como você sempre sonhou, Lissa. Com todos os adornos, incluindo uma festa. Acho que eu terei que arrumar alguns padrinhos para equilibrar com suas colegas de faculdade, hein? — Sua risada soou através de suas mentes. —Mas teremos que ter um casamento noturno, é claro.

—Não consigo acreditar.

—Acredite, meu amor. Eu nunca pensei em casamento, e aos olhos do meu povo, nós já estamos ligados, mas pelos seus pensamentos eu sei o quanto isso é importante pra você. Eu quero que você tenha a cerimônia e a recepção dos seus sonhos. Isso é, se você concordar em ser minha esposa. Desculpe, eu deveria ter perguntado antes. Você aceita se casar comigo, Lissa, e me fazer o mais feliz dos homens?

—Sim! Sim, eu alegremente casarei com você, Atticus. Eu amo você.

—Mantenha esse pensamento, amor, por essa noite. O amanhecer se aproxima e eu devo procurar abrigo para o dia. Você ficará bem hoje?

—Eu ficarei bem. Eles me deixaram chamar minha amiga Jena. Ela é médica. Ela deverá chegar em minutos, ainda que não seja funcionária do hospital. Ela vai reunir o resto do grupo e eles cuidarão de mim. Eu pegarei minhas coisas do hotel e estarei na sua casa tão logo eu consiga dispensar meus amigos.

—Nossa casa, Lissa. Esta vinícola é sua casa também. Ou podemos nos mudar para outro lugar que você queira. Eu viverei em qualquer lugar, desde que você esteja lá.

—Eu sei o quanto você ama a vinícola, Atticus. Que você voluntariamente desistiria disso por mim significa muito, mas não tem necessidade. O lugar é um sonho. A casa é adorável e a região é linda. Serei feliz vivendo lá... com você.

—Bom. Então venha logo pra casa, amor. Estarei esperando sua volta.

Jena entrou no quarto de Lissa pouco depois do amanhecer, acordando-a com sua presença. Não muito depois de Jena se assegurar de que Lissa realmente estava bem, sua amiga Kelly chegou com uma muda de roupas para quando os médicos dessem alta mais tarde naquela manhã. Como Lissa previa, a tropa estava reunida e seus amigos a cercavam, trocando turnos sentados com ela e conversando até que os médicos a deixaram ir com algumas palavras e instruções e um frasco de analgésicos.

Acima das objeções de seus amigos, Lissa os fez levarem-na primeiro até o resort para pegar suas malas que haviam sido enviadas na frente. Isso feito, eles a levaram para sua casa e ficaram para o almoço. Lissa justificou seu novo relacionamento com Atticus contando a eles do seu plano de visitar o homem que a havia resgatado, para devolver a camisa dele.

—Você poderia dirigir depois dessa concussão no crânio? — Kelly quis saber.

—Os médicos disseram que estou bem, certo, Jena? — Lissa voltou seu olhar para a médica e Jena teve que admitir que ela estava certa. —Além do mais, só estou indo devolver a camisa que ele me emprestou. Acredite, se você visse esse homem, iria querer fazer o mesmo.

—Ele é isso tudo mesmo? — Jena perguntou enquanto servia chá para todos na pequena cozinha de Lissa.

—Melhor. — Lissa disse com um sorriso. —O nome dele é Atticus Maxwell e ele tem adoráveis olhos misteriosos.

—Maxwell? O Atticus Maxwell que possui a mais exclusiva vinícola de todo o vale? Dizem que ele é um pouco recluso, e excêntrico também, apesar de fazer alguns dos melhores vinhos do país - talvez do mundo. Ganhou todo tipo de prêmios. — Kelly disse com surpresa arregalando os olhos. —Querida, ele é um dos homens mais ricos do vale. Você simplesmente apareceu na porta dele?

—Eu não sabia de quem era a casa. Foi a primeira que eu vi depois de me afastar tonta do acidente.

—Você foi muito sortuda, Lissa. E abençoada. Alguém lá em cima está olhando por você. — A voz de Jena baixou para um calmo sussurro. —Estou tão grata que você está bem.

Um abraço grupal se seguiu e logo depois, Lissa estava pronta para conduzir suas amigas até a porta do seu apartamento com promessas de ligar no dia seguinte, ou antes, se precisasse de algo. Lissa dedicou-se a empacotar suas coisas, mas só algumas. Ela não poderia fazer nada muito óbvio ainda. Atticus a havia prevenido de que eles teriam que se mudar aos poucos. Mas ela encheu uma mala com roupas e calçados, tomando algumas recordações que queria ter de sua casa. Ela pôs água em suas plantas e fechou o

apartamento para ficar tudo ok por alguns dias. Era como se não fosse retornar tão cedo. Ela queria passar todos os momentos com Atticus e sabia que ele sentia o mesmo.

Ela jogou suas coisas no porta-malas do carro e seguiu em direção à casa de Atticus no vale, por aproximadamente uma hora. Ele tinha dado a ela as chaves e os códigos do sistema de alarme e do portão. Ela não se sentia como uma visitante ou invasora quando entrou na grande casa. Ao contrário, se sentiu muito mais como se estivesse chegando em casa.

Lissa fez o jantar para si mesma, na brilhante limpa cozinha. Atticus tinha poucos alimentos enlatados e pacotes de comida em seus armários, mesmo que ela soubesse que não precisasse comer. Como muitas coisas na enorme casa, era estocado para os eventuais convidados mortais e para dar a Atticus cada aparência de normalidade. Sua raça vivia em segredo e tinha feito isso por séculos. Atticus havia explicado antes sobre o trabalho que tinha dado para ele conseguir dar a aparência de ser um homem normal e não havia dúvidas de que ele se tornado muito bom em colocar o disfarce de mortalidade.

A cozinha era um sonho - grande e arejado com todas as conveniências modernas - como era o resto da casa. Ela amou os móveis estilo Missão e tons terrosos que dominava a decoração. Ela fez um tour nos pisos superiores, satisfeita em encontrar um estúdio de artes, uma pequena academia caseira e um escritório de aparência - muito ocupado. Ele a encontrou lá, enquanto ela observava sua agenda, que estava aberta sobre a mesa.

Ela o sentiu mesmo antes de seu braço musculoso a agarrar pela cintura por trás, puxando-a contra seu peito duro. Lábios calorosos traçaram a pele sob sua orelha com apenas uma pontinha de seus dentes pontudos arranhando ela, deixando-a mais quente do que ela já havia ficado por qualquer outro homem.

—Bom dia, meu amor. — Sua voz profunda soou próximo ao ouvido dela, enviando tremores pela sua espinha.

—Atticus. — O nome dele foi dito num suspiro de prazer quando ele cobriu um dos seus seios, puxando e excitando cada nervo de seu corpo.

—Eu amo ouvir você dizer meu nome desse jeito. — Sua risada morna agitou os sentidos dela conforme ele a girava em seus braços. —Acordar para você na nossa casa é um milagre, Lissa. Um que eu nunca pensei experimentar. Sinto como se os céus sorrissem para mim pela primeira vez em muitos anos.

O beijo que trocaram foi de retorno ao lar, de amor não sonhado, de segurança e esperança. Lissa não soube quanto tempo se passou quando finalmente libertou seus lábios, mas sua cabeça estava girando e ela teve que se segurar nele para equilibrar-se. Ele a deixava tonta só com seus beijos.

—Gostou da casa? — Ele se moveu um pouco para trás, uma vez que esteve seguro de que ela tinha recuperado o equilíbrio. —Eu senti seu prazer enquanto você caminhava pela casa, mas como somos novos nessa coisa de compartilhar, eu achei que temos que começar devagar.

—Como? — ela sentou-se na beirada da mesa dele, já que ele parecia a fim de conversar.

—Eu tenho muito mais experiência em vagar pela mente dos outros do que você, minha querida. — Ele lançou um sorriso astuto a ela. — Eu acho melhor darmos um ao outro

um pouco de espaço para interagir como um casal mortal normal faria... no começo pelo menos... quando não estivermos fazendo amor. Quando estou dentro do seu corpo, não consigo evitar querer estar dentro da sua mente também.

Lissa se lembrou do modo que eles se uniram na noite anterior e estremeceu. Não havia nada que pudesse comparar com o modo que eles compartilharam suas mentes e corpos no ápice do prazer.

—Eu concordo. — Ela tentou sorrir, mas sua boca estava seca pelo calor das lembranças. —E eu admito que seja difícil acostumar com a idéia de dividir nossas mentes. Eu sou um pouco psíquica, mas eu só havia conseguido uma estranha premonição aqui e ali. Eu nunca havia sido capaz de ler a mente de alguém, apesar de haver rumores de que minha avó conseguia.

—Sério? — Atticus pareceu intrigado. —Ela deve ter sido uma mulher incrível. Mesmo sem tentar entrar na sua mente, eu consigo sentir o amor e respeito que você tem por ela. Mantendo a ligação parcialmente bloqueada irá no ajudar quando precisarmos agir normalmente na companhia de mortais. Suas amigas, por exemplo. Alguma hora eu terei que conhecê-las.

Lissa riu, pensando o quanto suas companheiras babariam pelo Atticus. Não seria difícil convencê-las que ela havia caído de quatro pelo cara em tão pouco tempo.

—Espere uma semana ou duas. Eu tenho um jantar combinado com o grupo na próxima quarta. Nós nos reunimos todo mês para fofocar. Começarei a acostumá-las com idéia de que somos um assunto até lá.

—Vejo que você tem pensado a respeito também. — A aprovação de Atticus banhou seus sentidos. Ela nunca havia sido tão empática antes, mas ela pôde sentir as emoções dele, mesmo que não estivesse diretamente lendo seus pensamentos. —Quanto aos meus amigos. — ele pegou a agenda da mesa, — você conhecerá um hoje a noite. Eu havia pedido ao Mestre para vir conhecê-la, já que é tão difícil acontecer de um de nós encontrar sua parceira. Marc e eu temos sido amigos desde muito tempo. Você gostará dele.

—Você realmente o chama de Mestre?

—Às vezes. É o título dele, uma vez que ele comanda os Bloodletters nesta região. Eu estou na hierarquia também. Sou o segundo, na realidade. Nós temos um pequeno círculo de amigos, todos os quais estão alto na hierarquia supernatural por aqui, mas Marc é nosso líder. Por isso o título de Mestre. Mas ele é um bom homem. Nada de senhor-do-castelo. Você vai ver. Eu acho que gostará dele. Ele tem um senso de humor ácido.

Ela sentiu a genuína afeição que Atticus tinha pelo outro homem e ficou intrigada. Havia uma faísca diabólica nos olhos dele quando ele falou desse 'Mestre' que predizia coisas boas. Se Atticus gostava dele, as chances eram de que ela também gostaria. Eles estavam alinhados daquela maneira. Talvez por que fossem parceiros.

Lissa se sentiu chateada por que não tiveram tempo de fazer amor antes de Marc chegar, mas como Atticus disse, era melhor seguir as formalidades logo para depois poderem se distrair. Eles poderiam passar o resto da noite presos um ao outro, ela sabia. E Atticus estava falando em séculos juntos, o que ainda a assombrava. Eles teriam tempo.

Marc La Tour era bonito como o pecado e agudo como uma flecha. Ele cumprimentou Atticus com um tapinha nas costas e então virou seu interessante e avaliador olhar para Lissa. Ela quis se encolher sob essa inspeção até que percebeu o verdadeiro espanto na expressão dele. Ele parecia genuinamente feliz por Atticus e ao mesmo tempo um pouco temeroso por ela. Essa dicotomia a fez querer acalmá-lo.

Atticus serviu vinho para eles e Marc ergueu um brinde.

—Estou feliz por vocês dois. — Marc disse, sentando com tranquilidade na confortável sala de estar. —Entre nós, Lissa, eu estava ficando preocupado pelo meu amigo Atticus. Ele correu muitos riscos que não poderia ter corrido nos últimos anos. Felizmente com você aqui, ele será mais cuidadoso. Eu estimo a amizade dele.

—Como eu estimo a sua, meu amigo. — Atticus inclinou seu copo na direção de Marc. —Mas, por favor, não assuste minha companheira. Tudo que importa agora é que ela *está* aqui e nós estamos juntos. O que aconteceu antes não importa.

Lissa colocou suas mãos sobre as dele, atraindo sua atenção.

—O que aconteceu antes o tornou no que você é, Atticus, e eu amo cada parte de você. Mas pode ficar tranquilo. — ela transferiu sua atenção para Marc. —ele não arriscará mais a sua vida. A falta de cuidado acabou.

Ela pôde ver pistas das coisas que ele permitiu acontecerem, a desolação em sua vida que o levou aquele ônibus e á beira da morte. Mesmo com sua ligação moderada pelo seu incrível poder psíquico, ela soube que ele esteve perto do fim de nossas esperanças, mas agora que eles haviam se encontrado, toda sua percepção havia mudado radicalmente.

—É grato eu fico em ouvir isso. — Marc se levantou, se servindo de um segundo copo de vinho, claramente familiar na casa de Atticus. —Mas eu tenho algumas novidades que devo transmitir que tornarão isso mais importante ainda. Eu hesitei em dizer isso na sua frente, Lissa, por não querer te preocupar, mas como novos parceiros, eu ouvi dizer que não há como mantê-la sem saber o que ele sabe, então... — Marc deu de ombros elegantemente. Tudo naquele homem era diabólico e suave.

Atticus sentou-se mais pra frente.

—O que é?

—Ian vasculhou o local do acidente e os restos do veículo a pedido meu. Quando ele se reportou ao pôr do sol, eu estive lá pessoalmente antes de vir para cá. Atticus, aquilo não foi um acidente, ainda que as autoridades mortais não duvidem que tenha sido. Há um fraco cheiro de magia em volta do veículo. Não tenho dúvidas de que foi por causa disso.

—Que tipo de magia? Lobisomem? Mortal? Sobrenatural? Ou alguma outra? — A rigidez na espinha de Atticus e seus olhos apertados alertaram Lissa para a seriedade da situação. Ela sentiu uma ponta de descrença ao modo casual que usaram o termo 'magia', mas até então, ela não acreditava em vampiros até o dia anterior.

—Era algo muito antigo, inclusive. — Os olhos de Marc vagaram longe enquanto ele parecia buscar uma resposta. —Pareceu sobrenatural, mas não muito. É antigo. Está quase vindo á memória, mas ainda não estou completamente certo que já tenha cruzado com esse tipo de coisa antes. É malditamente estranho, para dizer o mínimo. Ian está organizando uma vigilância em caso do 'mágico' retornar á cena do crime.

—Quem era o alvo? Você tem alguma idéia?

—Essa é parte difícil. A mágica não estava direcionada á nossa raça, mas também não estava direcionada a nenhum mortal em particular que nem Ian ou eu pudéssemos discernir. E nós estamos trabalhando apenas com pistas. Quem quer que tenha jogado o encanto era habilidoso. Muito habilidoso de fato.

—Ninguém sabia que eu estaria no ônibus. Foi uma decisão de ultima hora de minha parte ir para o resort. Havia somente outros poucos passageiros - todos mortais. Amor. — Atticus se virou para Lissa, — você disse que sentiu algo quando entrou no ônibus. Diga a Marc o que sentiu. Pode ajudar a resolver esse quebra-cabeça.

Lissa colocou sua taça na mesa.

—Se você deseja. — Ela se virou para Marc e tentou colocar em palavras os sentimentos de temos que a haviam atingido quando colocou o pé naquele ônibus. —Havia uma forte compulsão de não embarcar, mas era generalizada. Eu não tinha certeza, e no momento em que vi Atticus, ele me intrigou. Na realidade me distraiu. — Ela enviou um suave e provocante sorriso na direção de Atticus. —Dele eu senti uma tipo diferente de energia - como se eu tivesse encontrado meu destino. — Atticus apertou a mão dela como encorajamento. —Os dois instintos estavam em conflito, mas meu desejo de seguir Atticus foi mais forte do que o sentimento de medo.

—Graças aos céus por isso, — Marc disse com um sentimento que a surpreendeu. — Se você não estivesse a bordo e sobrevivido ao acidente, eu duvido que meu bom amigo ainda estivesse entre os vivos. Não, — ele estendeu a mão para interromper a resposta de Atticus, —não negue. Eu senti o que estava em seu coração por meses, irmão. Sem sua Escolhida, você estava quase perdido para nós. O destino sempre joga mais do que nós sabemos. Você estava naquela lotação por alguma razão, Lissa, ainda que soubesse que era perigoso você embarcou mesmo assim. Isso vale muito.

—Você acha? — A idéia a assustava, mas parecia certa.

—Eu acho. Também acho que, até que saibamos mais sobre quem e o que causou o acidente, vocês precisam ser cuidadosos. Não está claro ainda qual era o alvo, mas a batida não foi acidental alguns inocentes pagaram o preço.

Lissa foi golpeada com renovada tristeza ao relembrar da perda de vidas. Que ela houvesse sobrevivido quando todos os outros morreram era nada menos que um milagre. Um milagre chamado Atticus. E se era para acreditar em Marc, se ela houvesse sucumbido aos ferimentos, Atticus não teria razão para se salvar. Ambos estariam mortos.

A idéia de que alguém deliberadamente causou o tombamento por meios mágicos era quase assombroso, mas ela havia sido exposta a um bom número de acontecimentos estranhos em sua vida. A existência de vampiros era só a última - e reconhecidamente a mais impressionante - de muitas coisas estranhas que ela havia visto. A idéia de que mágica existia era fácil de aceitar, dados os recentes acontecimentos.

—Você acha que quem quer que tenha feito isso tenha buscado um de nós? —Os olhos de Lissa se arregalaram ao pensamento. —Eu não tenho inimigos que eu saiba. Particularmente não do tipo mágico.

—Sinto muito, minha querida, mas você mesma disse que era psíquica. Certos seres podem ter sido capazes de sentir seu poder e alguns podem até ter tentado te atingir por

causa disso. O mundo sobrenatural é um lugar mais brutal do que o mortal algumas vezes. Nós tentamos preservar um delicado equilíbrio entre aqueles de nós que deixam a humanidade seguir seu próprio caminho e aqueles que buscam dominar e até escravizá-los. E há até grupos de mortais que são conhecedores de certos aspectos do mundo sobrenatural e procuram erradicá-lo. Se alguém sabia de suas habilidades, você pode facilmente ter sido o alvo da atividade mágica.

Lissa pressionou a palma da mão sobre seu coração acelerado.

—Não consigo acreditar nisso.

Atticus apertou sua outra mão, se virando para ela no sofá.

—Mas deve, meu amor. Você deve acreditar que a ameaça poderia ser para qualquer um de nós e agir de acordo. Para começar, eu quero que se mude para cá. Nós iremos até seu apartamento juntos e pegaremos suas coisas.

—Mas não essa noite. — Marc interrompeu Atticus e se levantou para sair. — Ian está coordenando a vigilância no apartamento de Lissa e alguns outros lugares. Eu quero saber quem era o alvo do acidente e por que. Nos movendo muito cedo podemos assustá-los. Se um de vocês ainda é o alvo, nós descobriremos. A vinícola é bem protegida, mas o apartamento de Lissa não. Faz sentido você ficar aqui então, milady, ainda que possa parecer estranho para suas amigas mortais. Você terá que informá-las de seu fulminante romance e talvez um casamento impulsivo possa ser planejado? Vocês decidem o que for melhor, mas deixem a parte perigosa por minha conta.

—Eu nem sei o que dizer. — Lissa estava perdida. Marc era de fato um homem poderoso com um modo dominante que ela nunca havia encontrado. Atticus era o homem mais forte que ela havia conhecido. Antes de conhecê-lo, ela nunca havia sonhado que o tipo de homem que ela fantasiava até mesmo existisse. Atticus era perfeito para ela, mas Marc... ele era em cada detalhe tão bonito, controlador e poderoso quanto seu parceiro, embora sem o lado suave que temperava seu amante. Ele era formidável.

—Fique com seu homem e seja feliz, milady. Deixe-me cuidar da ameaça - se houver, de fato, uma. Nós podemos vir a descobrir que outro era o alvo e agora que está morto, a ameaça pode desaparecer. De qualquer forma, é melhor prevenir do que remediar.

Atticus se levantou e estendeu a mão para um aperto de mãos.

—Não poderei te agradecer o suficiente, Marc. A segurança de Lissa é a coisa mais importante do mundo para mim.

Marc concordou.

—Compreensível. Até admirável. Eu invejo você, meu amigo, e eu vamos providenciar para que nada ameace sua futura felicidade. Entrarei em contato quando souber de algo mais. Por agora, descanse e fique seguro.

Acompanharam Marc até a porta e Lissa ficou impressionada pelo pequeno e brilhante carro esporte que ele dirigia. Aquele carro deveria custar mais do que dez anos de aluguel do apartamento dela na cidade e ronronava como um grande gato. Esses homens - vampiros - eram ricos filhos das armas.

Capítulo Quatro

Atticus trancou a casa, armando o sistema de segurança e garantindo que tudo estava tão seguro quanto ele poderia providenciar. Eles tinham horas até o nascer do sol e ele queria passar muitas delas fazendo amor com sua nova parceira. Mas antes de deixarem a paixão carregá-los para longe, eles tinham planos a fazer.

Ele a conduziu até a piscina coberta ao lado da casa. Tinha teto de vidro que podia se abrir para o céu noturno nos tempos quentes. A piscina era rodeada por exuberantes plantas tropicais e tinha uma pequena queda d'água para fazer parecer e sentir como se fosse uma caverna em algum destino exótico.

—Aqui é lindo à noite. Eu vi mais cedo hoje, mas está muito mais bonito agora. — Lissa se moveu na direção de uma grande planta de ave do paraíso e tocou suas folhas enquanto observava a água.

—Fico feliz que tenha gostado. Eu passei muito tempo aqui, olhando as estrelas e contemplando o infinito. — Ele foi até o pequeno bar e serviu dois copos de vinho tinto, trouxe-os até as cadeiras de veludo que estavam próximas. —Agora, claro, eu posso sentar aqui e contemplar você.

Ela riu e bebeu do vinho, sorrindo para ele por sobre a borda da taça de cristal. Ele queria fazer amor com ela ali mesmo, mas eles tinham algumas coisas para discutir primeiro. Ele poderia esperar. Mas não muito.

Ele colocou um braço em volta dela enquanto eles se recostavam na longa cadeira, erguendo seus pés. Ele nunca havia se sentido tão confortável em toda sua existência.

—Você acha que suas amigas aceitarão que eu a fiz se apaixonar por mim tão rápido? — Atticus havia investigado a amizade que Lissa tinha com o pequeno grupo de mulheres que ela havia protegido na faculdade enquanto separava entre suas memórias durante sua primeira união. Ele manteve o bloqueio mental entre suas mentes no lugar agora, por que ele sabia que era mais confortável para ela saber dele devagar - e eles realmente teriam a eternidade para isso. Ele poderia saborear esse aprendizado enquanto ela se acostumava com ele e suas habilidades.

—Depois que elas conhecerem você, eu acho que irão entender perfeitamente. — O tom sexy dela o provocou. Atormentando-o. Mas eles tinham que conversar primeiro, antes que ele perdesse todo o cuidado e razão.

—Eu preferia fugir, mas eu sei que você quer ter suas amigas no casamento. Que tal planejarmos a cerimônia aqui, na vinícola? Os campos são lindos à noite. Nós poderíamos prepará-lo com velas e música suave.

—Parece perfeito. E quando elas virem o cenário, entenderão o porquê de preferirmos a cerimônia à noite. É muito mais romântico.

—Eu espero que você considere isso mesmo. Começarei os preparativos com minha equipe tão logo seja possível.

—Você tem uma equipe? Alguém deles sabe o que você é?

—Não minha querida. Nós mantemos nosso segredo o tanto quanto possível. Meus empregados locais nas áreas de produção não vêm até a casa. É cercada por privacidade e

eles sabem que não devem ultrapassar meu excêntrico desejo de ser deixado sozinho. Eu tenho um escritório na cidade. Vou lá algumas vezes - especialmente no inverno, quando a noite cai mais cedo - para reuniões tardias com a equipe de marketing. Eu também compareço á jantares de caridade e coisas do tipo, mantendo a aparência de um rico homem de negócios que trabalha por diversão e não necessariamente todos os dias. Eu tenho alguma fama de playboy que ajuda a explicar por que trabalho em casa e sou raramente visto durante o dia. Vez ou outra, eu enfrentarei a luz do dia e farei alguma reunião aqui na sala de conferência. É no interior da casa e a salvo do sol. Eu a desenhei então o centro da casa é acessível sem ter que passar próximo a ambientes com janelas. Todo cômodo exterior abre para uma parede que separa as seções interiores e me permite me mover sem dificuldade durante o dia.

—Então você não precisa dormir o dia todo?

—Como qualquer um, eu preciso dormir, e fico lento durante o dia, mas posso ficar acordado se necessário. Não é a coisa mais fácil, mas sou experiente, minha querida. Além do tempo, eu adquiri habilidades que meus irmãos mais jovens não podem ter. Posso ficar acordado durante o dia e posso até suportar baixos níveis de raios de sol indiretos por curtos períodos, cada vez. Eu não ousa ir para fora da casa durante o dia, mas eu sempre posso convidar as pessoas para virem aqui. Ainda que eu admita, eu pareça cansado. Meus raros convidados mortais provavelmente, atribuirão os círculos sob meus olhos e algum ocasional bocejo ao meu estilo de vida festeiro. — Ele riu.

—Você gosta de ter essa fama de bad boy, não é?

Ele fingiu inocência, apreciando a provocação dela.

—É a cruz que carrego.

Ela se virou nos braços dele para encará-lo.

—Bem, não mais, Atticus. Você é um homem corrigido agora, e passará todas as noites comigo. Recém casados tem o privilégio de ter muito tempo para si mesmos. Eu mantereí a ilusão em volta da casa durante o dia - ao menos até que me torne... como você.
— Ela se afastou para olhá-lo nos olhos. —Falando nisso, eu quero que isso aconteça na nossa noite de núpcias. Quero que seja meu presente de casamento para você.

A simples idéia tirou o fôlego dele. Que ela voluntariamente desistiria do sol por ele era mortificante. Atticus a beijou, incapaz de traduzir seus pensamentos em palavras e precisando expressar seu amor imortal de modo mais elementar.

Ele a deitou no aveludado acolchoado do assento, ficando sobre ela de uma maneira que a fez se sentir delicada e tratada com carinho. Ele tinha uma presença tão forte, ele a sobrepujava de tantas maneiras, mas era uma deliciosa sensação e ela estava surpresa em descobrir que realmente gostava disso.

Atticus se afastou um pouco, sorrindo para ela.

—Então você gosta de ser minha mulher, eh?

Lissa corou enquanto percebia que seus pensamentos estavam enroscados tão juntos quanto suas pernas. Em momentos como esse, a barreira mental que Atticus erguia entre eles ruía. Ela sentiu seu deleite com os pensamentos a respeito do jeito possessivo dele correndo por sua mente. Também viu as imagens maliciosas que ele enviava para ela -

imagens de submissão e tortura prazerosa que ela havia apenas fantasiado até aquele ponto.

Ela se considerava uma mulher de mente aberta e havia até se aprofundado em alguma literatura de ficção erótica. Algumas das coisas que a haviam intrigado nesses livros veio á tona em sua mente enquanto ela via imagens vívidas na mente de seu parceiro. Ele havia feito mais do que ler a respeito dessas coisas, ainda que fosse precavido o suficiente para esconder algumas memórias de outras mulheres dela. Foi uma decisão sábia da parte dele, considerando a posição em que se encontravam.

Mesmo assim, o pensamento de sua vasta experiência provocou dor. Comparada a ele, ela era praticamente uma virgem.

—Mas eu gosto de virgens. — Atticus olhou de atravessado para ela num jeito engraçado que ela teve que rir junto com ele, esmurrando seus braços de brincadeira. —Devemos brincar de aluna e tio lascivo? Ou a garota do harém e o sultão? Diga sua fantasia, docinho, e se realizará.

Espontaneamente, uma imagem se formou na mente dela, mesmo quando suas bochechas se aqueceram. Os olhos dele se aqueceram enquanto ele se movia sobre ela como um predador. Ela era sua prisioneira, e ambos sabiam disso.

—Ah, eu vejo. Você quer brincar de a prisioneira e o pirata vagabundo. — Ele sorriu e ela podia jurar que seus olhos brilharam na semi-escuridão da caverna. Ele olhou em volta por um momento como se considerasse suas opções. —O cenário é perfeito, você não acha? Eu a tomei como prisioneira e estamos nos escondendo em alguma ilha do Caribe. Eu gosto do modo como sua mente funciona, minha querida.

— Bem, é particularmente... tropical aqui.

—E você leu alguns bons livros de piratas, não leu? — Ele piscou pra ela. —Eu terei que investigar algum desses livros. Puramente por motivos de pesquisa, você entende.

Ela riu.

—Eu ficaria satisfeita em ser sua ajudante em sua... uhnnn... pesquisa. — Ele mordiscou o pescoço dela de brincadeira, e então recuou com uma brusquidão que a deixou sem fôlego.

Atticus se pôs em pé e ofereceu uma mão a ela para levantar da cadeira. Ela o seguiu, mais do que querendo deixá-lo guiá-la nessa secreta fantasia.

Ele a puxou para seus braços e olhou em seus olhos, repentinamente sério.

—Eu passarei o resto dos meus dias realizando todas as suas fantasias, meu amor, você já tornou realidade a minha, apenas por existir e estar aqui comigo.

—Você diz as coisas mais doces, Atticus. — Ela ficou na ponta dos pés para dar um beijo doce nos lábios dele.

Quando ela se afastou, ele se curvou e a puxou para seus braços, carregando-a através da exuberante folhagem que rodeava a piscina camuflada. Ele foi direto para uma jovem palmeira que tinha numerosas vinhas crescendo ao seu redor.

—Você é minha prisioneira, milady. — ele disse enquanto a colocava em pé e com as costas apoiadas na árvore. Ele puxou um dos ramos e o usou para amarrar as mãos dela atrás das costas em volta da árvore. — Em resumo, você é minha. Melhor se acostumar com isso.

Apoiar as costas não era desconfortável. A árvore suportava o peso dela e os ramos eram fortes mas macios na sua pele. Poucos puxões mostraram a ela que não seria fácil desfazer os nós. Os ramos eram mais fortes do que aparentavam.

Atticus se afastou um pouco, avaliando-a. Ela estava vestindo um vestido leve de algodão que se parecia com muitos que ela possuía. Esse tinha botões de cima abaixo na frente.

—Um pirata verdadeiro rasgaria esse vestido desse seu jovem corpo delicioso. — Atticus ponderou. —Mas não temos muitas roupas femininas a bordo e eu não quero meus homens cobiçando o que é meu. Eles já farão isso o suficiente só por você estar aqui. Não tem necessidade de tornar pior ainda tendo você perambulando por aí nua.

Ele estava entrando no personagem e Lissa percebeu que era fácil acreditar que ele pudesse ter sido uma vez um pirata. Conforme o pensamento cruzou a mente dela, ela viu um grande navio nos pensamentos dele.

—Você *foi* um pirata!

—Você logo descobrirá que uma vez um pirata, minha querida... — ele piscou para ela e puxou a parte de cima do vestido dela. — sempre um pirata.

Ele não perdeu muito tempo com vestido dela, desabotoou-o completamente e puxou pelos seus ombros abaixo para prender os braços dela. Ela usava sutiã e calcinha por baixo. O sutiã tinha fecho frontal, então logo seguiu o mesmo caminho do vestido, descendo pelos seus braços e ficando preso a meio caminho entre os ombros e a árvore. A calcinha, ele deslizou por suas pernas, ajoelhando em frente a ela enquanto erguia um pé e depois o outro pra removê-la completamente. Com um sorriso diabólico, ele enfiou a seda rosa no bolso, e continuou ajoelhado em frente a ela.

Lissa trocou o pé de apoio, incerta. Ele tinha aquele brilho pirata nos olhos.

—Atticus?

—Você deve me chamar de capitão, moça!

Lissa pulou ao tom de aço na voz dele. Ele estava encarando sua virilha. Quando ela percebeu a direção do seu interesse, ele lambeu os lábios, fazendo-a se encolher. Estendendo a mão e deslizou sobre suas coxas, fazendo-a abri-las. Essa mão subiu pela parte interna da sua coxa, fazendo cócegas, provocando, torturando, até alcançar os suaves caracóis no seu ápice. Ele a afagou, observando suas reações enquanto ela tremia.

—Você gosta disso, moça? — Atticus deslizou um dedo pela suas dobras, tocando a pequena saliência que já estava excitada e esperando seu prazer - e dela.

—Sim, capitão.

—Diga 'afirmativo', — ele a corrigiu com um rugido.

—Afirmativo, capitão.

—Boa garota. — Ele a tocou com mais firmeza como recompensa, fazendo-a arfar. Os dedos dele se moveram mais fundo em suas dobras secretas, abrindo-as, testando e apertando-a com experiente delicadeza. —Você já está muito molhada, moça. — ele observou. —Eu acho que já fez isso antes, não fez? Aposto todas as fichas que não é mais virgem. Diga-me, seu noivo chorão que ficou na Inglaterra já esteve aqui? — Ele enfiou dois dedos na sua vagina molhada. —O pênis dele já esteve dentro dessa gruta molhada?
Minha gruta?

—Não! — ela choramingou, a cabeça dela rolou de um lado a outro contra o tronco da árvore enquanto eles empurravam pra dentro e para fora do seu centro com os dedos.

—Não? — Ele não desistia, mas redobrava seus esforços. — Então quem foi? O empregado? — Ela continuava a balançar a cabeça. —O menino do estábulo? — Ele a pressionou mais forte, levando-a as alturas. —O garoto do convés no navio de onde te tirei?

Lissa chegou ao clímax nas mãos dele, incapaz de se segurar. Ela gozou em uma arremetida, arfando por ar enquanto ele a observava em aprovação

—Ah, então foi o garoto do convés afinal. Diga-me, milady, você gostou? Ele a fez gozar como eu acabei de fazer? Ou foi uma transa rápida contra a parede? — Ele retirou seus dedos do centro dela, mas se moveu para mais perto, usando ambas as mãos para abrir seus lábios vaginais. —Ele te lambeu desse jeito? — Baixando a cabeça, ele a fez engasgar enquanto sua língua lambia seu clitóris, agitando sua paixão mais uma vez. Ele comandava o prazer dela. Era como se o corpo dela conhecesse somente o toque dele e respondia a ele de maneira como nunca respondeu a nenhum outro.

Ele foi mais fundo com a língua. Ela podia sentir os dentes dele se alongarem nas presas que poderiam furar sua pele e trazer o mais brilhante clímax que ela poderia conhecer. Ele foi gentil, mas firme, e cuidadoso com aquelas presas. Ele deu a ela só o suficiente, nunca demais, mas sempre a estimulação certa na hora certa.

"Tantos são os benefícios de compartilharmos nossos pensamentos," ele disse mentalmente a ela enquanto continuava a dirigir sua paixão acima mais uma vez. *"E agora é hora de realizar o resto dessa pequena fantasia."* Ele se afastou justamente quando ela estava para alcançar o auge, chacoalhando a cabeça e estalando a língua em desaprovação.

—Você é uma vadia gulosa, não é? Com uma vagina gulosa que precisa aprender quem é o seu novo mestre. De joelhos, garota!

Lissa ficou confusa no início, mas tentou se ajoelhar, seus braços ainda amarrados para trás em volta da árvore, seu vestido unido em volta dela e sob seus joelhos, fazendo as vezes de acolchoado. Por necessidade, suas pernas estavam abertas, seus tornozelos encontrando espaço em cada lado do amplo tronco.

Enquanto ela procurava uma posição segura, Atticus havia desabotoado suas calças e usando uma mão tocava seu membro rijo, pairando bem em frente ao seu rosto. Ele sorriu aquele sorriso diabólico para ela e ela se perdeu.

—Posso ver que você quer isso aqui, vadia. Diga-me, você chupou o pênis do seu garoto do convés? Ele o dava para você dia e noite?

—Afirmativo, capitão. — ela disse bravamente. Era hora dela participar dessa fantasia, ela decidiu. Talvez houvesse um jeito de virar o jogo contra seu amante. Olhando-o com uma nova e atrevida atitude, ela procurou tentar.

—Vadia safada. — Ele riu conforme se adiantava, colocando a cabeça de seu pênis contra a boca dela. —Você sabe o que fazer com isso então. Me engula, garota, e faça o seu melhor. Se você me agradar, eu pegarei leve com o chicote.

Ele a surpreendeu com essa última parte. Ele iria chicoteá-la? O pensamento deveria tê-la feito sair correndo pelas montanhas, mas vindo de Atticus, a ameaça a fez

mais quente. Havia algo seriamente errado com ela, mas se sentia muito bem para preocupar com isso agora enquanto abria a boca e o tomava profundamente.

Atticus gemeu quando ela usou sua língua nele. Ela provocou a ponta de sua impressionante ereção, lambendo e sugando até que ele estivesse a ponto de gozar. Ela sentiu o tremor em suas pernas, mas ele a afastou. Saiu de sua boca com um estalo audível enquanto ela sugava forte no ultimo segundo. Ela ficou desapontada, mas isso foi esquecido quando ele alcançou por trás dela e soltou os ramos que prendiam suas mãos e desenrolou o vestido e o sutiã para deixá-los cair ao chão.

Ele a levantou e a virou de frente para o tronco da árvore.

—Espere aí, vadia. Eu prometi a você o chicote e o chicote você terá por ter sido uma vadia tão desobediente.

—O que eu fiz, capitão? Serei uma boa menina, eu prometo. Ela estava entrando na fantasia enquanto ele pressionava seu corpo nu contra a casca áspera da palmeira.

—Você deu sua virgindade a algum garoto de convés babão. Você deu o que era meu, vadia. — Ele usou o ramo para atingir suas costas nuas. Ardeu, mas não doeu tanto. Lissa ficou chocada ao sentir sua excitação, que havia diminuído um pouco enquanto ela dava prazer a ele, aumentar dez vezes mais. —Você precisa aprender seu lugar e como me dar prazer, vadia. — Outro estalo com o ramo de vinha alcançou suas costas, atormentando a pele suave e fazendo-a mais quente.

—De hoje em diante você irá transar somente comigo. E com aqueles a quem der você. — ele adicionou como se decidisse isso naquele momento, antes do próximo golpe atingir a parte alta das coxas dela.

—Você me dará a outros, capitão? — Ela não conseguiu evitar a pergunta.

—Vadia impertinente. Não pense em me questionar. Isso merece outra chicotada. — E o golpe desceu no meio das suas costas, mais suave que os outros, mas tão excitante quanto. —Você não me questionará de novo, vadia. Se eu mandar você chupar o pênis de meu amigo enquanto eu te como por trás, você fará sem questionar. Entendeu? — Outra chicotada a atingiu enquanto ele esperava sua resposta.

Ela arfou com excitação enquanto tentava responder.

—Afirmativo, capitão.

—E você abrirá suas pernas para qualquer homem que eu escolher, dá-la enquanto eu fico olhando, tanto faz se for meu imediato ou o garoto da limpeza. Ouviu-me, vadia?

—Sim! — ela gritou quando ele deu mais uma chicotada sobre seu traseiro.

—E você me receberá nesse seu traseiro enquanto o faxineiro te lambe a vagina se eu pedir, não receberá, garota? — Ele usou o ramo de modo diferente dessa vez, dobrando ao meio e percorrendo o lado interno de suas coxas, pressionando forte contra seu sexo enquanto ela se esfregava contra a árvore, o ramo, qualquer coisa que pudesse apagar o fogo que a estava queimando inteira.

—Sim, capitão! — Ela choramingou alto enquanto ele afastava o ramo e a erguia pelos quadris, colocando-a de quatro na frente da palmeira. Em pouco tempo ele estava pressionando dentro dela, estocando profundamente por trás.

—Você é uma gata selvagem, amor, mas eu vou domá-la. Você é minha, entendeu?

—Sim! — ela gemia conforme ele pulsava dentro dela, tocando fundo e rápido e forte, exatamente do jeito que ela precisava. Ela estava muito perto, faltava muito pouco para alcançar o ápice da mais intensa excitação que ela já conheceu.

—Diga, vadia! Diga que você é minha. — Ele mordeu seu pescoço por trás, tomando seu sangue e roubando sua sanidade.

Ela gritou ao atingir o clímax, indo às estrelas em uma explosão de paixão como nunca antes e levando Atticus junto com ela. Ela sentiu o jorro molhado do clímax dele enquanto virava sua cabeça na direção da dele, sentindo sua felicidade enquanto compartilhava a sua própria.

—Sou sua.

Eles ficaram daquele jeito, ambos ofegantes e saciados no brilho de um magnífico clímax por um longo tempo antes de Atticus se afastar. Ele a tomou em seus braços e a deitou na espreguiçadeira que estava ao lado. Eles ficaram deitados juntos por longos minutos, curtindo a prazerosa sensação do mais glorioso amor que ela já havia feito na vida. A ampla espreguiçadeira era macia sob seu corpo nu e Atticus estava aquecido contra seu corpo.

—Você foi realmente um pirata?

Atticus riu em resposta.

—Até recentemente, cruzar os mares de navio era o único modo de ir de um continente para o outro. Então, sim, eu naveguei, mas não era uma profissão ou um estilo de vida para mim. Passar as horas claras do dia me escondendo era desconfortável e difícil de explicar.

—Não tinha pensado nisso. É muito difícil? Viver sem a luz do sol?

—Algumas vezes é a coisa mais difícil do mundo. Mas algumas vezes, como agora, desde que te encontrei, eu não trocava minha vida por nada. Você é meu raio de sol, Lissa. Todo o resto não importa.

—Eu te amo, Atticus. — Ela beijou seu rosto, e pousou a cabeça em seu peito, fechando os olhos, segura no seu amor. Ela deslizou para o sono sonhando com a vida que teriam juntos.

Capítulo Cinco

—Como está a procura por emprego, Kel? — Jena perguntou sobre o yakisoba no restaurante Chinês local. Lissa e suas amigas estavam jantando juntas, como fazia todas as semanas desde a faculdade. O antigo grupo havia se mantido muito unido mesmo anos depois da graduação. Sua amiga casada, Christy, havia tentado fazer o jantar neste mês, apesar de estar sobrecarregada. Carly, proprietária de uma pequena, porém bem sucedida companhia de software, sentou ao lado dela, comendo dos petiscos à medida que a conversa se focava em Kelly.

—Nada bem. — Kelly respondeu, mergulhando o macarrão no molho de pato. —É a época errada do ano para conseguir vaga de professora. Se ao menos aquela outra professora não tivesse decidido no ultimo minuto voltar da licença maternidade. A escola se virou para acomodá-la e me deixou no cabide.

—Que chato. — Carly disse enquanto bebericava seu chá gelado.

—Você recebeu um tratamento injusto lá. — Jena concordou enquanto o garçom trazia as entradas.

—Como estão as coisas no hospital? Conseguiu diminuir o horário como você queria? — Lissa perguntou a Jena depois que o garçom se foi.

—Nós fizemos um acordo. Eu pego mais plantões e menos horários fixos, mas o tempo total continua o mesmo. Assassino. Acho que passará mais um ano antes que eu realmente possa diminuir as obrigações no hospital e prestar mais atenção a meus pacientes particulares.

—Você sabe, mesmo que você possua sua própria empresa, é difícil diminuir o ritmo. — Carly suspirou enquanto se encostava em sua cadeira e olhava para suas amigas com olhos cansados. —Estou pensando em dar um tempo das instalações dos programas.

Isso era uma boa notícia. Lissa sabia tudo sobre o trabalho de Carly, desenhando e instalando pacotes de software personalizados. O trabalho a levava para todos os cantos do país e levava algumas semanas por cada instalação. Lissa achava que Carly adorava o trabalho e as viagens, mas ela podia ver linhas de fadiga em volta e sombras sob os olhos da amiga.

—Você trabalha demais, Carly. Eu acho que é uma boa coisa delegar um pouco do trabalho às pessoas que você contratou. Foi para isso que as contratou afinal. — Jena não tinha medo de expor suas opiniões.

Carly concordou.

—Eu acho que estão certas, mas não é fácil ficar de fora das complicações. Eu consegui mais um contrato que tenho que fazer pessoalmente no Wyoming. Gostei do lugar quando fui fazer o contato. Talvez fique por lá por um tempo e longe de todo o resto.

—Parece uma boa idéia. — Lissa disse, ainda que fosse a primeira vez que Carly falasse em se mudar para outra parte do país. Ainda assim, não parecia que ela ficaria lá permanentemente. Uma esticada nas férias faria bem á ela.

Elas conversaram um pouco mais a respeito de suas profissões, mas Lissa se manteve mais calada enquanto as outras reclamavam. Ela tinha que dar a notícia no

momento certo e estava preocupada em como dizer, ainda que tivesse imaginado a cena por dias na sua cabeça.

—Qual é a sua novidade, Lis? Mais alguma notícia daquele bonitão que salvou sua vida? — Carly perguntou. Ela já havia se inteirado do assunto, mesmo tendo estado á trabalho quando Lissa sofreu o acidente.

—Na verdade. — Lissa limpou os lábios com o guardanapo e percebeu que sua hora tinha chegado. —Eu tenho algumas notícias nessa área. Ele pediu que eu vá morar com ele.

Exclamações soaram em volta da mesa. Algumas incrédulas, outras animadas, mas todas estavam surpresas. Lissa tinha ficado tão absorvida por Atticus nesses últimos dias, que não tinha reservado tempo para conversar com as amigas a não ser para tranquilizá-las quando ligavam para saber de seus ferimentos.

—Bem, e você vai? — Kelly quis saber.

—Isso é meio repentino, não é? — Jena, sempre a mais sensata do grupo, parecia desconfiada.

—Na realidade, eu tenho passado muito tempo com ele desde o primeiro dia que voltei do hospital. Ele está... Humm... eu estou apaixonada por ele e por mim também. Nós vamos nos casar e eu quero que vocês sejam minhas madrinhas. — As palavras saíram em um animado supetão.

Gritinhos animados chamaram a atenção de todos no restaurante enquanto suas amigas pulavam de seus assentos para cobri-la de abraços desajeitados. Jena ainda parecia cética, mas cumprimentou-a junto com as outras. Elas conversaram mais sobre as novidades de Lissa e os planos que ela e Atticus já haviam feito para o casamento.

Lissa foi cuidadosa ao explicar que Atticus trabalhava em horários estranhos e que provavelmente estaria disponível numa noite próxima para um jantar para conhecê-las. Na verdade, ela disse-lhes, ele pediu para que ela arranjasse um jantar na vinícola para que suas amigas pudessem ver onde ela estaria vivendo.

Atticus e Lissa haviam discutido o plano longamente. Enquanto a vinícola fosse mantida tão privada e segura quanto possível, Atticus não via problema em permitir que suas amigas a visitassem sob situações controladas. Eles concordaram em facilitar para suas amigas a idéia deles como um casal, começando por essa noite. Atticus a buscaria no restaurante, ficando alguns minutos para ser formalmente introduzido ao pequeno e unido grupo. Foi uma das muitas reuniões que planejaram para próximas semanas durante o período em que as mulheres poderiam saber mais a respeito dele.

Quando o jantar estava quase no fim, uma hora e meia depois, Lissa acenou para Atticus. Ele chegou na hora certa para pegá-la e ser apresentado á suas amigas.

—É ele? — Kelly perguntou, seguindo a direção do cumprimento de Lissa. —Convide-o para a sobremesa. Nós temos que ver ele e ter certeza que ele é bom o suficiente para você, Lis. — O risinho de Kelly seguiu sua provocação.

Lissa se levantou, colocando seu guardanapo sobre a mesa.

—Já volto.

Ela parou no meio do caminho para pedir ao garçom mais uma cadeira para sua mesa, e então caminhou direto para os braços de Atticus. Ele beijou-a na medida certa da

paixão e discrição por estarem em um local público, mas se negou a deixá-la se afastar completamente conforme seguiam para a mesa.

Esse foi um cenário tão perfeito quanto Lissa imaginava. Atticus poderia se juntar a elas para um drink depois do jantar. Ele não precisaria comer nada e ainda estaria em um restaurante, o que ajudaria a manter a aparência de mortal.

"*Você está ficando boa nisso, meu amor,*" ele disse mentalmente a ela próximo da mesa.

"*Cada coisinha ajuda, Atticus. Eu quero ajudar a mantê-lo seguro e se fingir ser mortal ajuda nisso, estou nessa.*"

Ele se curvou para beijá-la com um leve toque dos seus lábios. "*Você é tão boa pra mim.*"

Ele puxou a cadeira para ela e sorriu para o grupo de mulheres enquanto Lissa fazia as apresentações. Atticus estava usou de todo seu charme e facilmente ganhou as melhores amigas de Lissa. Jena, a médica, foi a última a cair no seu encanto, mas caiu e enquanto beberam seu vinho após a refeição e pegaram seus biscoitinhos da sorte, elas não só concordavam em serem suas madrinhas, como Kelly ainda prometeu ajudar Lissa a empacotar suas coisas para a grande mudança.

Lissa e Kelly levaram o dia todo para empacotar tudo uma vez que estava perto do anoitecer. As plantas foram encaixotadas, assim como todos os pratos e os cristais de sua mãe. Tudo, exceto a mesa da cozinha e os móveis maiores, que seriam levados por uma empresa de mudanças mais tarde naquela semana. Atticus já havia arranjado tudo. Ou melhor, a equipe dele havia resolvido os detalhes uma vez que Atticus os havia apresentado a ela em uma reunião às pressas na semana anterior.

—Alguna notícia sobre trabalho? — Lissa perguntou a Kelly enquanto elas terminavam de embalar suas ultimas bugigangas.

Kelly suspirou, parecendo desapontada. —Sem sorte ainda. É uma péssima hora pra procurar emprego de professora. Eu só espero poder pagar meu aluguel até que o mercado de trabalho melhore um pouco.

—Kel, você sabe que se precisar de grana emprestada, tudo que precisa fazer é pedir.

—Obrigada, Lis, mas a situação ainda não está nesse pé. Eu aviso se chegar, mas por enquanto eu estou bem.

Lissa teria dito mais, mas a campainha tocou. Ela largou o jornal que estava usando para forrar as caixas do objetos que poderiam se quebrar e foi atender a porta. Ela olhou pelo olho mágico, mas o homem esperando no corredor não parecia familiar. Mesmo assim, o pessoal da mudança estava para mandar um cara para medir as coisas hoje e ele ainda não havia aparecido. Talvez fosse ele, chegando atrasado.

Decidindo que era isso, Lissa abriu a porta, mas antes que pudesse sequer pedir ao homem que se identificasse, ele empurrou a porta para dentro com violência, fazendo-a voar longe. Lissa tropeçou, mal conseguindo ficar em pé embora fosse algo perto. Kelly veio correndo enquanto Lissa sentiu os respingos de algo espirrarem nela.

—Eu vou te matar dessa vez, cadela! — O homem gritou enquanto avançava, caindo sobre ela enquanto ela ia para trás chocada e confusa.

Tudo se tornou claro enquanto o tempo pareceu parar. O tropeção havia evitado que fosse atingida nos olhos. Ela não tinha idéia do que o líquido claro fosse, mas não a ferira. Ao menos não ainda.

"Atticus! Oh Deus!" Lissa gritou para ele mentalmente quando Kelly saltou a sua frente para encarar o homem furioso.

"O que foi?" Atticus estava lá, em sua mente, rápido como um raio, vendo através dos olhos dela e compartilhando seus pensamentos.

"Este cara é louco, Atticus! Ele está ameaçando..."

"Eu vejo ele, Lissa. Seja cuidadosa. Ele pode ser um mago."

O homem jogou uma cadeira de lado enquanto cambaleava na direção delas, conforme elas se retraíam contra pequena mesa de jantar em um canto do apartamento.

—O que você está fazendo? — Lissa gritou, esperando que alguém ouvisse a confusão no seu apartamento e chamasse ajuda.

—Você está morta, bruxa. Sua raça não deve viver. — A insanidade olhou para ela através dos olhos selvagens do homem.

Enrole ele, Lissa! Estarei aí o mais rápido que puder. E estou levando ajuda. Lembre-se, você deve nos convidar para dentro, de outra maneira não poderemos entrar."

"Apresse-se!"

"Já estamos quase aí. Só mais uns minutos."

—Eu não sei do que você está falando! Saia já da minha casa!

As palavras fortes de Lissa pareceram deter o homem. Ele parou e olhou para ela com olhos estreitados.

—Você não pode me fazer de bobo, bruxa.

—Por que a está chamando disso? — Kelly perguntou. Lissa podia perceber que sua amiga estava furiosa, confusa, com medo e fora do seu juízo. Era uma combinação que ela entedia por estava sentindo a mesma coisa.

O homem olhou para Kelly, parando por um momento. Ele traçou uma espécie de padrão no ar na frente do rosto de Kelly, então se afastou dela.

—Você está no lugar errado, garota. Sem poderes próprios você não pode confiar nessa aí para protegê-la. Eu estou protegido contra demônios da espécie dela.

—Demônio? O que no mundo o faz pensar assim? — Kelly atraiu atenção do homem de novo.

—Você realmente não sabe o que ela é? — O homem parecia duvidar conforme seu olhar selvagem ia de Kelly para Lissa e de volta novamente.

—Não, não sei. Porque você não me diz? — Kelly estava recuando e Lissa viu sua amiga tatear às suas costas pelo telefone que estava sobre o armário.

—Fique onde está, garota. — O homem esticou a mão e Kelly parou como que congelada. Lissa sentiu um zumbido no ar que a perturbou. Parecia frio e viscoso, embora nunca tivesse experimentado nada como aquilo em sua vida. Parecia mal.

Os olhos de Kelly se arregalaram enquanto ela tentava se mover, mas não conseguia. Lissa estava em choque. O homem havia feito algo que fez Kelly literalmente congelar. Tudo com um simples estalar de dedos.

"Atticus." Sua voz era um sussurro de medo através de suas mentes compartilhadas.

"Eu vi, amor. Ele é o mago. Tente ficar o mais longe possível dele, mas seja cuidadosa. Estamos quase chegando. Só mais alguns segundos."

"Depressa."

O homem se voltou para ela.

—Agora você morre, bruxa. — Suas feições eram raivosas, sua expressão maníaca. Lissa nunca esteve tão assustada na sua vida inteira.

—Não sou uma bruxa. — Ela teve que gritar. Atticus estava quase lá. Ela precisava ganhar alguns segundos mais.

—Então como você escapou da minha magia. Você deveria ter morrido no acidente, não importa o quão afobadamente eu joguei o feitiço. Quando senti seu poder na estrada, eu agi rapidamente, mas o feitiço nunca falha. Você deveria ter morrido.

—Mas falhou. — O homem se voltou em direção á porta aberta do apartamento e Lissa soube que Atticus esperava lá com seu amigo Marc.

—Quem é você? — O homem farejou e rosnou. —Bloodletter. — A palavra foi dita como uma maldição enquanto o homem começou a fazer movimentos furiosos com suas mãos. Lissa sentiu o escorregadio zumbido crescer de novo á proporções quase ensurdecedoras.

"Nos convide a entrar!" Atticus gritou em sua mente.

—Entre, Atticus! Entre, Marc! Nos ajude! — ela chamou, chorando conforme o zumbido aumentava, deixando-a de joelhos.

Em um movimento furioso, Atticus saltou sobre o intruso. Lissa não conseguiu acompanhar tudo. Atticus e Marc se moviam rápido demais para os olhos humanos, mas em questão de momento, o intruso estava caído no chão, sangrando e inconsciente.

Atticus o soltou no momento que estava seguro e procurou por ela.

—Lissa, meu amor, você está bem?

—Atticus. — Ela se agarrou a ele, enterrando-se na força dele enquanto tremia em reação. Ela nunca havia presenciado nada tão violento quanto aquela luta nem sentido nada tão maléfico quanto a magia do homem. Isso a deixava doente.

—Ele a molhou com alguma coisa. — A voz de Kelly chegou a ela além do círculo confortante dos braços de Atticus. —Melhor você se lavar em caso de ser corrosivo ou pior.

Atticus se afastou, examinando as roupas dela. Ele sorriu enquanto a tocava, cheirou e ainda provou o resíduo líquido na pele dela. —É água benta. Nada mais. Isso não pode ferir você. Você não é má e nunca poderia ser. — Ele a abraçou apertado por um momento, então deu passo para trás, virando-os para encarar Kelly.

Mas o olhar arregalado de Kelly estava paralisado em observar com horror o intruso e o homem que estava curvado sobre ele no chão. Os lábios de Marc estavam ensangüentados enquanto ele os afastava do pulso do agressor. Não havia como esconder o que estivera fazendo. Marc havia se alimentado do sangue do homem e mesmo assim, ainda lambia os lábios enquanto sorria para eles.

—Sangue mágico é potente, realmente. - Marc disse tagarelando enquanto largava o braço do homem inconsciente no chão com um suave pancada. —Eu tenho a essência dele. Ele nunca será capaz de escapar.

—O que é você? — Kelly parecia fascinada e não tão confusa quanto Lissa havia esperado. —Do que você está falando?

—Sinto muito, Kel. — Lissa tentou atrair a atenção da amiga, mas ela parecia hipnotizada pelo Mestre vampiro.

—Eu lamento que tenha visto isso, pequena. — Marc disse, movendo-se para ficar frente á Kelly e tocando sua face com um dedo longo. —Mas não há mais esperança. Gostaria muito de apagar isso da sua memória, mas sinto que sua mente é muito forte para ser enganada por muito tempo. Se você não fosse tão próxima á Lissa, poderia funcionar, mas você a verá, e Atticus... e a mim, de vez em quando e as memórias poderão vir á tona. Você precisa prometer manter nosso segredo ou encarar as conseqüências.

"Atticus, ele a está enganando?" Lissa perguntou a ele em segredo.

"Sim." A resposta curta veio em sua mente. *"É o único jeito de preservar nosso povo e prevenir mais derramamento de sangue. Kelly terá que ser vigiada de agora em diante até o fim de seus dias. Ela sabe sobre nós e esse conhecimento deve ser mantido sagrado."*

"Vigiada por quem?"

"Um de nós. Provavelmente Ian. Ele é nosso guardião."

"E se nós a vigiássemos? Quero dizer, ela está procurando por emprego. Você poderia conseguir um pra ela na vinícola, não podia? Marc aceitaria isso?"

"Pode funcionar." O tom de Atticus era especulativo enquanto ele dava um beijo gentil em seus cabelos. *"Eu falarei com ele sobre isso assim que isso aqui estiver acabado. Ian está a caminho. Ele irá se encarregar do mago. Nós precisamos interrogá-lo para saber o que ele saber. Agora, eu quero tirá-la daqui e voltar para casa onde é seguro."*

"Concordo plenamente. Mas nós precisamos cuidar de Kelly também."

—Marc, posso falar com você? — Atticus deixou Lissa de lado e conduziu Marc a um canto da sala enquanto Lissa ficou com Kelly.

—Que diabos foi tudo isso, Lis? Seu namorado é um... vampiro? Eu estou perdendo o juízo? — Um sorriso trêmulo pairou sobre os lábios de Kelly.

—Não, você não está perdendo o juízo, Kel. Sei que está em choque, mas Atticus é imortal. Ele salvou minha vida depois do acidente e nós no unimos. Nós podemos compartilhar nossas mentes. Ele é minha outra metade, Kel. Minha perfeita alma gêmea.

—Deus, Lis. Um maldito vampiro?

Isso fez Lissa rir.

—Eu sei, parece loucura, mas não é. Eu o chamei mentalmente e ele veio, não veio? Ele salvou nossas vidas, eu acho, desse cara maluco aí

—Isso tudo é por causa das suas habilidades psíquicas, não é? Porra, garota. Eu sempre soube que você ficava assustada com as coisas que você via às vezes, mas isso já é demais.

—Em partes, é eu acho, mas Atticus me disse que vem me procurando por séculos. Nós acabaríamos nos casando mais cedo ou mais tarde, eu disse a ele, vou deixar que ele me faça gostar dele.

—Você desistiria da luz do dia por esse cara? — Kelly parecia impressionada.

—Kel, eu desistiria de toda e qualquer coisa por Atticus. Ele é minha alma gêmea.

—Oh, Lis! — Kelly estendeu a mão para Lissa e a puxou para um abraço. As duas ainda estavam tremendo pelos eventos traumáticos da noite, mas era bom ter o apoio de Kelly. —Estou feliz por você, ainda que eu tenha que admitir que precise de um tempo para me acostumar.

Os homens retornaram enquanto elas se soltavam.

—Perdoe-me, ma petite. —Marc curvou-se ligeiramente na direção de Kelly. —Sou Marc Latour. Lamento ter assustado você. Essa não foi minha intenção. — Os olhos brilhantes de Marc endureceram. —Mas era importante que um de nós mantivesse uma ligação com este homem. Ao atacar Lissa, ele tem, por extensão, atacou seu companheiro, Atticus, também. E onde Atticus está envolvido, assim deve estar a Irmandade.

—A Irmandade? — Kelly repetiu.

—Eu nunca magoaria Lis. Ela é como uma irmã para mim. Eu prometo não falar a ninguém sobre o que eu vi essa noite. — Kelly deu um riso curto, quase soando histérico. —Além do mais, quem no mundo acreditaria em mim?

Marc se aproximou, invadindo o espaço pessoal de Lissa.

—Há aqueles que com certeza acreditariam, *chérie*. Aqueles que nos caçariam e nos assassinariam simplesmente por existirmos. Isso, eu não posso permitir. E por isso você será vigiada pelo resto dos seus dias.

—Vigiada? Por quem? — Os ombros de Kelly ficaram rígidos de inquietação e Lissa temeu pelo confronto que suspeitava estava por vir. Ela estendeu a mão á Kelly, chamando sua atenção.

—Não é tão ruim quanto parece. Atticus e eu estaremos a cargo da *vigília*. Você precisa de um emprego, certo? Bem, acontece que meu noivo aqui tem um emprego esperando por você. Você terá um salário, trabalhará com amigos e será *vigiada* ao mesmo tempo — Lissa olhou de Marc para Atticus e de volta para sua amiga. —O que você me diz?

—É uma solução elegante para nossas dificuldades. — Marc adicionou.

—Ok. — Kelly disse, seu olhar ainda suspeito.

—Ótimo. — Lissa a abraçou rápido. —Adorarei tê-la por perto na vinícola todos os dias. Diabos, talvez você possa se mudar para lá. Nós temos milhares de quartos.

Kelly ergueu uma mão.

—Vamos dar um passo de cada vez, Lis. Por hora, eu aceito o trabalho. Você sabe o quanto eu preciso de um. E obrigada, Atticus. — Ela olhou para ele.

Qualquer resposta que ele teria dado foi suprimida pela chegada de outro homem alto e poderosamente constituído no batente da porta do apartamento.

"É Ian, amor," Atticus disse mentalmente. "Você precisa convidá-lo a entrar."

Lissa acenou para o homem na porta.

—Entre, Ian. Obrigada por vir tão rápido. — Ela se sentiu estranha ao ficar falando de amenidades enquanto um intruso estava caído em seu tapete, inconsciente.

Ian acenou com a cabeça, rapidamente levantando o homem sobre seus ombros. Sem qualquer palavra, ele se virou e saiu pela porta.

—Cara útil de se ter por perto. — Kelly comentou com humor negro. Lissa estava feliz em ver que ela ainda restava um pouco do seu humor costumeiro em sua conversa. Os eventos da última hora foram chocantes, mas parecia que todos estavam bem, incluindo Kelly, graças a Deus. Ela estava reagindo muito bem ante os acontecimentos.

—Você não tem idéia. — Marc concordou. —Agora que estamos seguros, posso sugerir que terminemos aqui e irmos para a vinícola? Tivemos um início de noite agitado e acho que poderíamos aproveitar melhor num ambiente mais seguro e pacífico para conversar.

Marc e Atticus as ajudaram devolver o apartamento ao senhorio e carregaram as malas de Lissa para seu carro. Quando Lissa olhou em volta, tentando descobrir como os homens haviam chegado ao seu apartamento, Atticus interrompeu seus pensamentos.

"Nós viemos voando," ele disse num sussurro em sua mente.

"O quê?"

"Marc e eu somos antigos. Através dos séculos, nós desenvolvemos muitas habilidades. Uma das mais úteis é habilidade de mudar de forma. Quando precisamos, podemos nos transformar em qualquer coisa que precisemos para ir onde precisamos ou atingir nossos objetivos."

"Isso é incrível."

Sua risada soou irônica na mente dela. *"Que bom que consigo impressionar você, amor."*

Eles voltaram para a vinícola em dois carros. Marc foi com Kelly em seu compacto enquanto Atticus dirigiu o sedam de Lissa. Uma hora depois, eles passaram pelos portões e seguiram o caminho que os levava á mansão longe da estrada.

Eles se reuniram na sala de estar para conversar sobre os acontecimentos das ultimas horas. Lissa sabia pela mente de Atticus que esse interrogatório era mais para o benefício de Kelly do que deles próprios. Os homens a avaliariam enquanto eles conversavam e também ajudariam a acalmá-la mostrando que não eram monstros. Lissa estava grata por eles terem esse cuidado com Kelly. Sua amizade sempre havia sido muito importante para Lissa e ela odiaria pensar que a vida de Kelly pudesse ser seriamente afetada simplesmente por ser sua amiga.

Atticus estava servindo vinho para todos eles quando a campainha tocou. Aquilo era muito estranho, dado o fato de que ninguém podia entrar na propriedade sem ter que passar pelos portões. Isto é, ninguém *normal*. Se alguém pudesse voar, por exemplo, isso não valia nada.

"Bom raciocínio, amor," Atticus disse mentalmente á ela quando foi responder á porta. *"É Ian. E sim, ele pode se transformar em algumas formas incríveis, inclusive num temível dragão."*

"Agora isso, eu tenho que ver." Lissa resistiu a rir alto, mesmo que tendo que morder seus lábios para isso.

Atticus retornou á sala com Ian a reboque.

—O que aconteceu? — Marc quis saber.

Os lábios de Ian formavam uma linha fina.

—O bastardo lutou bastante. Ele resistiu ao interrogatório e quando eu lhe dei um pouco de espaço, ele se virou e me atacou. — As roupas de Ian estavam chamuscadas em alguns lugares, Lissa notou. —Ele tentou enviar uma mensagem mágica aos seus irmãos. Não tenho certeza se consegui impedir a tempo.

—Ele se foi então? — A expressão de Marc se tornou fechada.

—Não tive como evitar, infelizmente. Sinto muito, Marc. Ele era mais forte do que eu esperava e mais do que um pouco enlouquecido. Ele se matou, no final. Seu poder se voltou contra ele e o fritou até as cinzas diante de mim.

—Maldição. — Marc rodou seu copo de vinho preguiçosamente em uma mão.

—Você conseguiu alguma coisa antes dele morrer? — Atticus perguntou.

—Só que ele estava muito louco. — Ian se serviu de uma taça de vinho no balcão. —E que ele não estava agindo sozinho. Ele tinha ao menos um, possivelmente um bando. Ele também disse que chegou até sua mulher por acaso. Ele estava indo para uma conferência num hotel e percebeu seu poder enquanto esperava para embarcar no ônibus. Aparentemente o poder psíquico é uma antena para o tipo particular de seita dele.

—Isso dá um pouco de alívio. Significa que ele não sabia de você antes. Você foi apenas um alvo de oportunidade, e não alguém que ele estivesse perseguindo. — Atticus tocou o cabelo de Lissa enquanto sentava no braço de sua cadeira. —Se ele tivesse tido mais tempo para planejar, você poderia não estar sentar aqui essa noite.

—Não consigo evitar, me sentir péssima pelas pessoas que morreram por causa desse maluco com raiva de mim. — Lissa sentiu o peso da culpa em seus ombros.

—Não, moça. — Ian falou do outro lado da sala. —Demônio como o que você encontrou essa noite precisa de poucas desculpas para matar. Não tenho culpa que esse maluco tinha o sangue de muitos inocentes nas mãos. O acidente não foi sua culpa. Eu aprendi com o passar dos anos, que algumas coisas acontecem simplesmente por que tem que acontecer.

Capítulo Seis

Kelly ficou num dos quartos de hóspedes por aquela noite quando Lissa e Atticus finalmente se retiraram á poucas horas da manhã. Marc tinha ficado até tarde, jogando seu melhor charme sobre Kelly, embora ela parecesse imune ao charme do bonito Mestre. Ian foi depois de Marc, mas não muito, e prometeu retornar na próxima noite para revisar as medidas de segurança com Atticus. As coisas precisariam ser atualizadas agora que Lissa iria viver na grande casa para sempre.

Ao longo das próximas semanas, Kelly foi trabalhar na vinícula, realizando tarefas organizacionais para Atticus e Lissa. Lissa se mudou e Kelly foi apresentada como sua assistente. Kelly assumiu seu novo papel como ligação entre a equipe já existente de Atticus e o casal muito bem. Entre aqueles que trabalhavam com Atticus, só Kelly conhecia seu mais sombrio segredo, e esse simples fato, eles descobriram, a fez valiosa para ele em um curto espaço de tempo.

Kelly assumiu a organização da agenda de Atticus e Lissa. Eles compareceram a alguns poucos eventos juntos e os companheiros de negócios de Atticus começaram a conhecê-la como sua noiva. Lissa mantinha horários estranhos. Ela dormia até tarde depois de ficar a noite toda com Atticus, mas continuava indo as compras e tomando sol uma hora ou duas com Kelly e suas amigas. Ela queria aproveitar suas últimas semanas de luz do dia antes de se unir a Atticus em seu mundo escuro.

Foi fácil, tendo Kelly para conversar sobre as mudanças que ela concordou fazer em sua vida. Elas trabalhavam juntas na casa durante o dia. Kelly poderia trabalhar na sala ao lado do escritório de Atticus, se colocando no papel de secretária particular, enquanto Lissa mudou suas coisas para a mansão e redecorou uma coisa ou outra. As mulheres podiam se encontrar para as refeições na cozinha espaçosa ou ir para fora e aproveitar os bistrôs locais.

De modo geral, era um dos momentos mais felizes da vida de Lissa. Ela estava planejando seu casamento com a ajuda de Kelly e passando o tempo com suas amigas e com o amor de sua vida. Era cansativo, pra ser correto, mas ela não mudaria nada.

Quando finalmente aconteceu algumas semanas depois, Lissa já era uma parte bem estabelecida do limitado grupo social do qual Atticus fazia parte. O casal havia se estabelecido como pessoas excêntricas que prezavam sua privacidade, mas eram membros ativos - embora no limite - da comunidade empresarial local. Iam a poucos bailes de caridade juntos onde Atticus a apresentava e ela o ajudava na fachada de normalidade aparecendo a alguns eventos diurnos, cuidadosamente escolhidos para promover a reputação de ambos. Era um plano de mestre, cuidadosamente planejado com a ajuda e hábil assistência de Kelly. Kelly, também, estava estabelecida não somente como um confiável membro da equipe de Atticus, mas amiga pessoal de Lissa. Quando Lissa se tornou imortal, todos concordaram que Kelly poderia se encarregar dos trabalhos durante o dia.

Isso caiu melhor do que qualquer um pudesse prever. Mas uma semana após o casamento, Marc se tornou um assunto um pouco espinhoso. Ele passou a ir á vinícola com

mais frequência do que fizera no passado. Ele chegava pouco depois do por do sol para atormentar Kelly com conversas e paqueras veladas.

—Argh! — Kelly entrou na sala de estar pelo hall frontal, Marc a seguindo de perto, sorrindo feito um bobo. —Atticus, você poderia, por favor, pedir ao seu amigo para me deixar em paz?

Lissa abafou um sorriso diante do tom exasperado de Kelly.

—Marc, deixe Kelly em paz. — O sorriso em sua face desmentia o tom sério de suas palavras.

—O que ele fez? — Lissa quis saber enquanto Kelly se jogava sobre uma macia poltrona que diminuía ainda mais sua pequena constituição.

—Ele me comprou um carro. Nada menos que um Lamborghini. Está lá fora na garagem.

—O quê? — Lissa estava chocada. Ela sabia que esses homens eram ricos, mas ela não fazia idéia de que o Mestre vampiro tivesse dinheiro suficiente para desperdiçar comprando caríssimos carros esportivos para mulheres que ele mal conhecia.

Marc sorriu enquanto passeava pela sala.

—Kelly e eu estávamos conversando sobre carros na outra noite e ela disse que gostava de carros esportivos italianos. Eu pensei que ela deveria ter um, por isso liguei para Karl na loja de automóveis. — Ele deu de ombros, sentando-se no braço da cadeira de Kelly.

Ela pulou e colocou algum espaço entre eles.

—Ainda que eu goste de receber presentes como qualquer garota, eu não posso aceitar um *carro*, pelo amor de Deus. Eu não poderia nem estacionar aquela coisa na vizinhança. Você tem que pegá-lo de volta.

Marc deu um longo e sofrido suspiro enquanto rolava do braço para a poltrona que ela havia abandonado.

—Que tal eu mantê-lo para você? Acho que eu tenho uma vaga disponível na garagem. Você poderia ir visitar seu carro a cada poucos dias e dividir uma taça de vinho e um papo cordial comigo enquanto estivesse lá.

—Nos seus sonhos, La Tour. — O olhar de Kelly poderia matar um homem menos persistente, mas Marc era feito de material mais firme.

—Mas você é, *ma petite*. Meus sonhos são o único lugar onde você é gentil comigo.

Kelly jogou as mãos para cima, e deixou a sala bufando.

—Não acho que já tenha visto Kelly ficar sem palavras antes. — Lissa disse, sorrindo enquanto sua amiga desaparecia da sala.

—Não? — Marc perguntou com um brilho especulativo em seus olhos enquanto olhava para a entrada vazia pela qual Kelly havia saído. —Isso me dá mais esperanças do que certamente deveria. — Ele chacoalhou a cabeça. —Eu nunca conheci uma mulher mais confusa, perturbadora e tentadora.

Lissa cutucou Atticus e ele apertou seus braços em volta dos ombros dela. Ele devia saber pelos pensamentos apreensivos dela o quão profundamente as palavras do Mestre a perturbaram.

—Olhe aqui, Marc. — Atticus disse. —Eu espero que você não esteja pensando em mexer com uma das melhores amigas de minha noiva.

—Mexer com ela? — Marc focou sua atenção em Atticus, suas sobrancelhas unidas e os lábios curvados numa expressão de confuso divertimento. —Para ser honesto, não tenho ideia do que estou pensando quando se trata da adorável e intrigante Kelly. Ela me fascina e isso é tão raro que estou sendo levado a tentar descobrir o porque. Pode ser por que ela é a primeira mulher mortal em séculos a saber o que eu sou. Esta é uma experiência novíssima.

—Marc. — Lissa pediu sua atenção. —Eu acho que você deveria redirecionar sua fascinação. — Ela respirou fundo para criar coragem, mas aquilo precisava ser dito. —Kelly é uma das minhas amigas mais próximas. Eu não quero que nada ruim aconteça á ela.

—Eu também não desejo isso a ela, *ma petite*. — O olhar de Marc media sua exasperação, mas ela se recusava a recuar.

—Ela está dando todos os sinais de estar atraída por você, mas eu não acho que seja uma boa ideia você provocá-la. Você pode magoá-la profundamente com muito pouco esforço de sua parte. Kelly parece forte por fora, mas acredite-me, ela tem um coração gentil que se magoa facilmente. Eu não espero que você entenda, mas estou te pedindo para deixá-la em paz. Ela já teve sua cota de coração partido por essa vida.

Os olhos de Marc se estreitaram quando ele a observava, ficando em silêncio até deixá-la inquieta. Somente a presença forte de Atticus ao seu lado a sustentou e seu olhar inabalável enquanto encontrava o de Marc.

Finalmente ele se levantou da cadeira, movendo a cabeça num gesto antigo de formalidade antes de se voltar para sair.

—Manterei suas palavras em mente, *chérie*, mas não posso prometer nada exceto que irei tentar cumprir seu pedido.

Atticus se pôs em pé, gesticulando para que Lissa ficasse onde estava enquanto ele acompanhava Marc até a saída. Abrindo sua mente um pouco, ela viu através dos olhos de Atticus o polido carro amarelo estacionado na garagem escura. Era lindo, mas muito extravagante para uma simples professora-transformada-em-assistente-executiva como Kelly.

Marc se foi em sua fantástica máquina e Atticus retornou á sala. Lissa o encontrou na porta e deslizou para baixo de seu braço para ficar ao seu lado. Ele a abraçou apertado enquanto ela o envolvia pela cintura com seus braços.

—Você acha que ele vai deixá-la quieta? — Lissa se preocupou um pouco enquanto ela e Atticus seguiam para a ala privativa da grande para um tempo sozinhos.

—Eu acho que ele tentará, mas não tenho certeza que conseguirá. Para ser honesto, nunca o vi assim antes e eu o conheço há muitos séculos. Nunca uma mulher o abalou tanto quanto Kelly parece ter abalado.

Lissa não gostou de ouvir aquilo, mas deixou para se preocupar a respeito mais tarde enquanto Atticus a guiava em direção a ala privativa da mansão.

Ele a levou ao quarto principal, que era de fato, somente uma fachada. Dentro, um painel escondido guardava uma entrada para um complexo no subsolo e uma câmara protegida na qual ele dormia. Ele iria para lá durante o dia, mas essa noite, ele planejava

tirar vantagem da aveludade suíte presidencial e da gigante cama que ele raramente usava.

—Você sabe o quanto eu realmente a amo? — ele perguntou, cada um se despindo enquanto estavam em frente a extavagante cama.

—Eu posso ver nos seus olhos e ler nos seus pensamentos, Atticus. Estou mais do que certa de que é mais do que qualquer coisa nesse mundo. E eu sei que você pode estar mais do que seguro de que eu também. É provavelmente a coisa mais fantástica sobre nosso relacionamento. Sem incertezas. Sem espaço para escondermos nossos verdadeiros sentimentos. Eu amo saber que o homem que eu amo, me ama na mesma medida.

—Se não mais. — ele concordou, tirando a própria roupa enquanto ela removia as últimas dela.

Quando estavam ambos nus, se uniram num beijo quente que tirou seus mundos da rota e os lançou em outra direção. Não haveria joguinhos dessa vez, nem provocações, só a necessidade desesperada de ambas as partes.

Atticus nunca tinha experimentado tal prazer. Ela alimentava algo em sua alma, sua luz brilhava na semente da esperança que nunca havia criado raiz antes dele encontrá-la. Agora se desenvolvia em uma coisa saudável, viva e que crescia no seu mundo escuro que estava mais claro graças a influencia dela.

Ele a deitou sobre a cama macia, colocando-a sob seu corpo, do modo como sabia que ela gostava. Ele podia ler seus pensamentos o quanto ela gostava de se sentir pequena sob seu corpo, como ela gostava de seu calor e seus toques gentis. Ele deu a ela tudo que ela podia tomar e ainda mais. Ele cultuou o corpo dela com sua boca, seus dentes se alongando e arranhando sua pele sensível, fazendo-a tremer. Ele amava o modo como ela respondia a ele. Passaria a eternidade explorando novas maneiras de fazê-la gemer e tremer sob seu corpo.

O pensamento o fez sorrir. Ele olhou para cima para encontrar um sorriso questionador em sua bela face.

—Isso só vai ficar melhor quanto mais tempo passarmos juntos. — ele prometeu, lambendo seu umbigo enquanto seu abdome ondulava em resposta ao toque dele.

—Eu não consigo acreditar que possa haver algo melhor. — As palavras dela vieram num suspiro.

—Acredite, meu amor. — Ele mordiscou sua barriga antes de se colocar entre as coxas dela. Ela estava mais do que pronta. Assim como ele.

Atticus abriu suas pernas, mantendo seus joelhos apoiados nos seus braços. Ele desceu sobre ela, mantendo seu olhar enquanto tomava posse de quente canal, unindo-os de corpo e alma. Depois das primeiras estocadas, ele não tinha mais certeza de onde ele terminava e ela começava. Ele sentiu o prazer dela e o seu próprio, misturando suas mentes unidas e multiplicando o êxtase que sentia sempre que estava com ela.

A medida que se aproximavam do êxtase, ele se curvou sobre ela, empurrando suas pernas para trás para ganhar mais acesso ao seu corpo. O ângulo mudou quando ele se curvou ainda mais para cravar seus dentes no pescoço dela, levando-os ao orgasmo ao mesmo tempo enquanto dividiam suas mentes, sangue e êxtase.

Eles deitaram juntos na larga cama, aproveitando o pós-sexo. Lissa acariciou seu peito poderoso enquanto descansava contra ele. Ela ainda podia sentir sua mente ligada á dela como havia acontecido nos momentos de prazer compartilhado - como seria uma vez que ela se tornasse como ele e aprendesse a usar sua ligação mental.

Os pensamentos dela se dirigiram para suas amigas e como elas iriam lidar com seu casamento. Kelly já estava entrando no ritmo da vinícola e ela conversavam sobre ela se mudar para a mansão para que ela não precisasse perder tanto tempo todos os dias vindo da cidade para lá. Ela compreenderia a nova vida de Lissa melhor do que as outras.

Carly estava indo para o Wyoming, então ao menos por alguns meses, ela estaria fora do cenário e não perceberia as mudanças em Lissa. Christy era habitualmente quieta e tinha que ser arrastada para fora de casa a maioria das vezes. As chances de que ela não percebesse qualquer mudança em Lissa por que não se veriam tanto, eram grandes.

Jena era outra história. Olhos espertos e curiosa por natureza, Jena perceberia coisas que outras não conseguiriam. Kelly seria útil, ficando ao lado de Lissa contra as perguntas que Jena pudesse fazer. Mas no final, elas eram todas suas amigas e não iriam discutir se ela estivesse feliz. E ela *estava* feliz.

—Fico feliz em ouvir isso. — Atticus falou, dando um sorriso preguiçoso enquanto ela se afastava para olhar seu rosto. —Agora detenha seus pensamentos, meu amor, e deixe que eu me aqueça nessa felicidade por mais uns minutos.

Ela quis ficar irritada, mas sentiu a maravilha na mente dele pelo que haviam compartilhado e não se importou. Ela pousou sua cabeça no ombro dele e fechou os olhos, tentando relaxar sua mente e libertar seus pensamentos.

Uma visão lhe veio do nada, deixando-a sem fôlego.

Dor. Dor terrível e fraqueza. Perigo e aflição. Rasgada, carne e sangue. Muito sangue. O cheiro dele estava em suas narinas. O cheiro da morte. Morte e... vinho?

Lissa saiu da visão com um pulo abrupto enquanto ela se sentava reta na cama. Atticus se levantou ao lado dela, seu rosto anuviado com a preocupação.

—Oh não!

—O que foi essa visão? É o que você vê com seu dom psíquico? — Atticus quis saber.

Suas mentes continuavam ligadas, ela percebeu, então ele havia visto o mesmo que ela. Olhando para ele, ela concordou, mordendo seu lábio para segurar o choro. Ele a puxou para perto e a balançou em seus braços fortes.

—Nunca foi tão forte assim. — ela murmurou. —Nunca desse jeito. Atticus, você viu? — Ela tremeu, lembrando o rosto que havia visto através da névoa de sangue e dor. Se ao menos ela soubesse o que significava. A visão era nada mais do que um aviso de dor e sangue que estavam por vir, mas não dava nada sólido para seguir em frente... exceto o cheiro de vinho e a face solitária em sua visão.

—Eu a vi. — Atticus confirmou em um tom sombrio.

—Como poderemos salvá-la?

Atticus a segurou mais firme.



—Eu não sei ainda, meu amor, mas faremos tudo a nosso alcance para ajudar a prevenir *aquilo*. — a raiva e segurança em seu tom a confortaram. — de acontecer com sua amiga. Eu prometo.